

**UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY
DIRECCIÓN DE POSTGRADOS**



DENIZE RIBEIRO GUIMARÃES RODRIGUES

**LEITURA NO ENSINO MÉDIO: AS PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES**

**Asunción - Paraguay
2015**

DENIZE RIBEIRO GUIMARÃES RODRIGUES

**LEITURA NO ENSINO MÉDIO: AS PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES**

Dissertação apresentada ao Programa de
Postgrado da Universidad Evangélica del Paraguay
- UEP, como requisito para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Dr. Carlos Ibañez Morino

**Asunción - Paraguay
2015**

MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:

**LEITURA NO ENSINO MÉDIO: AS PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES**

DENIZE RIBEIRO GUIMARÃES RODRIGUES

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Dr. Carlos IbañezMorino

ORIENTADOR

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Dionisio S. Ortiz Mutti

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Prof. Dr. Genaro Ruiz Dias Benitez

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Prof. Dr. EstebanMissena Del Castillo

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Asunción - Paraguay
2015

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares, por acreditarem em meu potencial, especialmente, ao meu esposo e a minha filha por compreenderem os momentos de ausência.

Aos colegas e amigos, pelo companheirismo.

A meu orientador, pela paciência.

Ao meu Deus, por permitir mais esta realização em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, principalmente, ao meu esposo e filhos, companheiros constantes em todos os momentos, fornecendo o estímulo para que seguisse sempre em frente

Aos professores do curso de Mestrado em Ciências da Educação e, especialmente, ao coordenador Mauricio Santana.

Ao orientador, pelo empenho e dedicação.

E aos colegas curso, pela companhia.

RESUMO

Esta pesquisa discute a importância da leitura numa perspectiva de letramento e multiletramento. A leitura literária permite que o indivíduo faça a partir de sua percepção e leitura de mundo, o processo dinâmico e incessante do aprendizado. Por isso, escola deve se preocupar em formar leitores e não apenas com o aprendizado da leitura para que em seguida ocorra o aprendizado da escrita. O leitor é o indivíduo preparado, crítico, autônomo, criativo e que faz do aprender não apenas uma finalidade, mas o seu processo. Diante dessa perspectiva aqui é proposta uma análise do cotidiano no Colégio Estadual João Galvão Sobrinho e suas práticas metodológicas relativas à leitura, mais especificamente numa turma concluinte do 3º. Ano Ensino Médio que acompanhado por 3 anos pelos mesmos professores, foram avaliados em suas aquisições e apreensão de leitura e de suas motivações quanto a mesma. Buscou-se aqui também através de técnicas de observação e de utilização de questionários direcionados observar a prática e a visão dos respectivos professores sobre o seu fazer metodológico e suas percepções de vida e de trabalho. Uma incursão pela biblioteca da escola ajudou a observar as maiores deficiências no projeto de leitura e escrita da escola. Trata-se aqui de uma pesquisa participante de natureza descritiva, onde os dados foram tratados através do método qualitativo e que responde em parte as inquietações dos objetivos propostos pela problemática da pesquisa.

Palavras-Chave: Ensino de Língua Portuguesa; Leitura; Letramento; Multiletramento. Autonomia.

ABSTRACT

This research argues the importance of the reading in a letramento perspective and multiletramento. The literary reading allows that the individual makes from its perception and reading of world, the dynamic and incessant process of the learning. Therefore, school must be worried in forming readers not only and about the learning of the reading so that after that the learning of the writing occurs. The reader is the prepared, critical, independent, creative individual and that he not only makes of learning a purpose, but its process. Ahead of this perspective an analysis of daily in the State College João is proposal here Galvão Sobrinho and its practical relative metodológicas to the reading, more specifically in a concluinte group of 3^o. Year Average Education that folloied per 3 years for the same professors, had been evaluated in its acquisitions and apprehension of reading and its motivations how much the same one. One searched here also through techniques of comment and use of directed questionnaires to observe practical and the vision of the respective professors on its to make metodológico and its perceptions of life and work. An incursion for the library of the school helped to observe the biggest deficiencies in the project of reading and writing of the school. One is here about a participant research of descriptive nature, where the data had been treated through the qualitative method and that it answers in part the fidgets of the objectives considered for the problematic one of the research.

Word-Key: Education of Portuguese Language; Reading; Letramento; Multiletramento. Autonomy.

LISTA DE SIGLAS

AVALIE- Avaliação do Ensino

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEM_ Exame Nacional do Ensino Médio

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC- Ministério da Educação e Cultura

OCNs- Orientações Curriculares para o Ensino Médio

PCN's- Parâmetros Curriculares Nacionais

SABE - Sistema de Avaliação Baiano da Educação

TIC's- Tecnologias de Informação e Comunicação.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados	56
Tabela 2 –Perfil do aluno	66
Tabela 3 –Questões objetivas	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A LEITURA ENTRE O DESAFIO DA FORMAÇÃO ESCOLARE O COTIDIANO NA ESCOLA JOÃO GALVÃO SOBRINHO	20
1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONSTITUTIVOS DA LEITURA NO BRASIL	22
1.2 A LÍNGUA PORTUGUESA E A LEITURA NA SALA DE AULA	27
1.3 A IMPORTANCIA DA INCLUSÃO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS	31
1.4 O PROFESSOR E O INCENTIVO DA PRÁTICA DA LEITURA	34
2 ESCOLA E LEITURA EM DIREÇÃO AO MULTILETRAMENTO	41
2.1 A LEITURA NA ERA DA INCLUSÃO TECNOLÓGICA	43
2.2. LETRAMENTO NO RUMO DA AUTONOMIA	45
2.3. A PERSPECTIVA ATUAL DO MULTILETRAMENTO	47
3 ONDE OCORRE A LEITURA: A PESQUISA NA ESCOLA: ASPECTOS METODOLÓGICOS	49
3.1 MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	49
3.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS: SOBRE A NATUREZA DA PESQUISA	50
3.3 TIPO DE PESQUISA	50
3.4 O CENÁRIO PESQUISA	52
3.5 O SUJEITO DA PESQUISA.	52
3.6 PRÁTICA METODOLÓGICA	53
3.6.1 Questionário aplicado aos professores	56
3.6.1. 1. Perfil dos entrevistados	56

3.6.1.2 Entrevista com os professores	57
3.6.2 Perfil do Aluno	66
3.6.2.1 Entrevista com os alunos	66
3.6.2.2. Questões objetivas	67
3.6.2.3 Questões subjetivas	68
3.6.3 Percorrendo a Biblioteca	81
3.7 O ENSINO DA LINGUA PORTUGUESA NO 3º ANO ENTRE PERCEPÇÕES E PROPOSIÇÕES PARA A PRÁTICA.	83
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

A leitura não é apenas um mero mecanismo de decodificação do mundo e de páginas impressas, ela ultrapassa esse patamar, a leitura foi e continua a ser a grande porta de acesso aos conhecimentos construídos durante a trajetória de formação humana, e como nos afirma Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Sabemos que o ato de ler é imprescindível em todos os níveis educacionais por permitir ao leitor o acesso às informações, à ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da criticidade e o interesse na busca pelo conhecimento sobre assuntos variados que, além de instigar o leitor a pensar criticamente sobre diversas questões, pode impulsionar suas relações sociais.

Leitura e a escrita são as formas incontestáveis de inclusão do indivíduo dentro da sociedade. Tendo a escola à responsabilidade de sistematizar esses saberes, salienta-se que não é papel apenas do professor de língua portuguesa utilizar-se do texto para que haja uma aquisição significativa da linguagem. Outras disciplinas do Ensino Fundamental podem e devem utilizar textos produzidos através dos gêneros disponíveis na sociedade e tipos formando conjunto com fim comum: a inserção do aluno no mundo letrado.

A teoria histórica e cultural vem sendo desenvolvida a partir dos estudos de Vygotsky e seus seguidores. As pesquisas de Vygotsky (1986) e alguns percussores sobre aquisição de linguagem como fator histórico e social, enfatizam a importância da interação e da informação lingüística para a construção do conhecimento. O centro do trabalho passa a ser, então, o uso e a funcionalidade da linguagem, o discurso e as condições de produção. O papel do professor é o de mediador, e facilitador, que interage com os alunos através da linguagem num processo dialógico.

Vygotsky (1986 apud KLEIMAN 2002)) buscava uma solução científica para os problemas do ensino inicial da língua escrita e, neste sentido, deixou algumas recomendações. Acreditava ser necessário que as letras se convertessem em elementos da vida das crianças tal como o é a linguagem, ressaltando que do

mesmo modo que as crianças aprendem a falar, devem aprender a ler e a escrever. Em suas conclusões práticas, o autor entende que para levar o aluno a uma compreensão interna da língua escrita, é preciso organizar um plano. Assim, ao expressar-se pelo desenho, a criança pode chegar a perceber num determinado momento que este não lhe é suficiente.

Segundo Kleiman (2002,p.13) todo o processo de compreensão do texto se utiliza de um conhecimento prévio:” o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”. Ou seja, existe além dos aspectos técnicos , uma leitura de mundo subjacente que vai interagir na compreensão daquilo que foi escrito.

Esse conhecimento lingüístico desempenha um papel central no processamento do texto. “Ainda segundo Kleiman (2002), entende-se por processamento do texto aquela atividade pela qual as palavras são agrupadas em unidades ou fatias maiores chamadas constituidores de frases:” *a leitura é um ato social, um processo interacional, que só pode ser efetivamente compreendido quando os leitores realizam as múltiplas relações possibilitadas pelos textos.* (Kleiman, 2002,p.14)

Para Orlandi, (1997)a leitura é produzida e, para que ela seja *produzida*, existem *condições de produção da leitura*, quais sejam: os sujeitos (autor e leitor), a ideologia, os diferentes tipos de discurso, a distinção entre leitura parafrástica e polissêmica e a necessidade de se levar em conta as histórias da leitura do texto e as histórias das leituras do leitor.

Portanto, se nosso objetivo enquanto educadores é promover o processo de ensino-aprendizagem, devemos perceber que a linguagem é o meio pelo qual nossa ação se concretiza. Dessa forma, se compreendemos o texto como sendo a unidade básica da linguagem verbal, devemos utilizá-lo como instrumento em nossas aulas e torná-lo mais presente no cotidiano escolar dos nossos alunos trazendo para o contexto educacional os diversos gêneros textuais disponíveis na sociedade.

Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. “Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no

cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade”.(PCN,1997,p.30).

Ainda segundo os PCNS leitura é também construção de sentidos, é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significados do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o leitor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita: decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita.

Assim, segundo as orientações apresentadas pelos PCN, todo professor, independente da sua área de formação, deve ter o texto como instrumento de trabalho. Este, por sua vez, deveria ocupar lugar de destaque no cotidiano escolar, pois, através do trabalho orientado para leitura, o aluno deveria conseguir apreender conceitos, apresentar informações novas, comparar pontos de vista, argumentar, etc. Dessa forma, o aluno poderá caminhar adiante na conquista de sua autonomia no processo de aprendizado. No entanto, o que se observa é que construir habilidades e competências que envolvam a leitura e a produção textual é papel atribuído apenas e tão somente aos professores de língua, limitando o espaço do texto na escola.

Assim, no diálogo entre o estudante e o texto, o professor tem um papel importante para criar condições de interpretação. O aluno é um leitor que realiza um esforço cognitivo para processar e atribuir significado ao que está escrito. Com isso, interpreta. Segundo Furlan,(2010),esses são os cinco passos para que a leitura se estabeleça:

Conhecimentos prévios: Tudo o que um estudante sabe antes de ler compõe os chamados esquemas de pensamento, que influenciam o que ele compreende.

Contexto de produção : Quem é o autor? Em que época escreveu? Quais suas possíveis intenções? Cabe ao professor ajudar cada aluno a enxergar esses aspectos.

Contexto de leitura: Para que lemos um texto? Estabelecer um objetivo claro (considerando o que a turma já sabe) é fundamental para dar sentido à tarefa.

Forma : Por possuir estruturas diferentes, cada gênero desperta expectativas distintas. Explorar suas características oferece pistas para antecipar a interpretação.

Conteúdo: Para motivar, o tema deve estar ligado aos interesses de quem lê. E o professor de cada disciplina tem de direcionar o olhar da turma para aspectos específicos de sua área.

A leitura aqui é entendida como uma relação dinâmica de aprendizado do mundo, de sua realidade é, o que deveria permear toda a educação escolar. Esta problemática se apresenta não somente nas aulas de língua portuguesa, mas também em outras em outras disciplinas onde o aluno ao trabalhar um texto em sala, o faz tão rapidamente que o resultado é a sua não participação quando indagado sobre o que leu. Dessa forma, o professor arca com a responsabilidade de explicar ao aluno o que o texto referenciava, acarretando a interpretação unicamente do professor.

Assim, a dificuldade na interpretação de textos tem feito parte do cotidiano escolar. Ao se realizar avaliações que tem como base textos, a dificuldade é facilmente perceptível, pois, a nota alcançada, geralmente, é inferior aquela conseguida com uma avaliação que não utilizou compreensão textual. Assim, para se pensar na mudança de postura do aluno, pensando na formação de um indivíduo participativo e conhecedor do mundo que o cerca, é necessário retomar a questão da leitura criando formas diferenciadas, dinâmicas e atrativas de ler e compreender um determinado texto.

Para que isso aconteça, fazendo com que o aluno, a partir de uma leitura, efetivamente, compreendida, interpretada, mais o seu conhecimento da realidade, torne-se mais participativo e possível transformador social, só mesmo a prática e o exercício da leitura para conseguir resolver essa questão, de encantar, despertar no aluno o prazer da leitura e o gosto em aprender.

Nas palavras de Freire (1997):

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E, a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na

experiência escolar que resultam do mundo da cotidianidade (FREIRE, 1997p.29-30).

Assim é preciso encantar o aluno com o texto e, esse encantamento depende da idade, da maturidade do educando. Cabe ao professor, para cada situação, série e idade, encontrar a leitura certa. O livro certo, a leitura certa, depende da escolha certa e nesse ponto a figura do professor mais uma vez aponta como insubstituível para essa mediação. O aluno constrói o seu próprio conhecimento, mas, de forma alguma se pode afirmar que este conhecimento construído, por si só, é mais importante que o transmitido.

Em relação às aulas expositivas é notório que os alunos preferem métodos diferenciados. A rotina de aulas expositivas é desgastante e, essa metodologia de ensinar tornou-se regra geral. Dessa forma, é importante, e necessário quebrar a rotina, inovar, mudar, criar metodologias diferentes em sala de aula. A leitura em suas perspectivas digitais atualmente fazem parte desse universo de possibilidades a serem explorados e que certamente proporcionarão uma outra ótica da disciplina ao aluno, desde que o professor também rompa com a acomodação e abra-se às possibilidades.

Entendendo assim que o domínio da leitura tem sido o grande desafio de toda a história da educação escolar no Brasil, por que leitura depende de todo um processo de componentes e neste contexto, o desenvolvimento do hábito da leitura de maneira crítica, criativa e reflexiva, esse é também um dos desafios enfrentados pela equipe gestora e pedagógica do Colégio Estadual João Galvão Sobrinho, do município de Itamari, estado da Bahia, para que os seus estudantes venham a ampliar os conhecimentos e a visão de mundo, e possam agir com autonomia nas sociedades letradas. Sabemos que ler não é tarefa simples, porém, temos a leitura como uma forma sutil de nos comunicarmos em igualdade de condições com o restante da humanidade, no tempo e no espaço. É nos escritos que desvendamos outras culturas, que compartilhamos a diversidade de idéias, vivências, sonhos e experiências. Portanto, desenvolver no aluno o hábito da leitura por prazer e por buscar o conhecimento, é levar esse e outros alunos a ser agentes transformadores da realidade.

Nesse contexto, faz-se necessário pesquisar quais os principais fatores que influenciam na formação dos leitores estudantes do Colégio Estadual. João G. Sobrinho.

É então nesta perspectiva, é que a presente Dissertação de Mestrado em Educação intenta conhecer, diagnosticar e analisar, de maneira reflexiva, a leitura como processo de formação global do indivíduo. Este trabalho tem como objetivos - Identificar os fatores motivacionais da prática da leitura na comunidade estudantil do Colégio. Estadual João G. Sobrinho, buscando também Identificar quais as principais referências que estimularam alguns alunos a adquirir o hábito e o prazer da leitura; buscam-se aqui também conhecer quais as metodologias utilizadas pelos professores para desenvolver a leitura em classe e de que forma são utilizadas para estimular a leitura extra-classe;

Ainda se buscará a partir dos resultados da pesquisa teórico-bibliográfica, e entrevistas propor ações que visem o desenvolvimento de um projeto de intervenção que proporcione a ampliação do ato de ler em todas as séries do Ensino Médio desta Unidade Escolar. Assim sendo esse trabalho justifica-se principalmente para que além da perspectiva teórica, haja aqui a dimensão prática a partir do estudo para que tomando conhecimento dos dados levantados e da problemática identificada, sejam propostas ações de médio e longo prazo que deem conta do que foi detectado, ou seja leitura de textos ainda como um problema a ser vencido na escola.

Assim sendo no primeiro capítulo estudaremos um pouco sobre a escola atualmente e seu perfil, bem como traçaremos um pouco da leitura através do tempo, trazendo os aspectos históricos e constitutivos da leitura no Brasil que constituíram o ensino da língua portuguesa e a leitura na sala de aula. Nesse ínterim trataremos da figura do professor enquanto incentivador e fomentador dessa prática e sua influência decisiva no processo de aquisição e gosto pela leitura por parte do aluno.

No segundo capítulo discorreremos sobre a leitura em direção ao multiletramento na escola, onde são abordados os conceitos empreendidos a partir dos trabalhos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky acerca do, até chegarmos aos conceitos mais recentes na perspectiva do letramento e multiletramento trazidos por Roxane Rojo e Mary Kato.

No terceiro capítulo, traz-se aqui a pesquisa empreendida com os alunos do 3º. Ano (2015) concluintes do Ensino Médio e professores de Língua Portuguesa da escola que acompanham esses mesmos alunos desde sua chegada ao ensino médio no 1º. Ano em 2013.

Nesse contexto pretende-se, através de uma pesquisa etnográfica e participante, de cunho descritivo e dentro de uma abordagem qualitativa, utilizando como técnicas de instrumentos e coletas de dados, análise de documentos, de questionário aplicado ao professor e de questionários aplicados a alunos do ensino médio, analisar os dados recolhidos entender qual o conceito ou visão de leitura que eles possuem e verificar porquê só alguns estudantes desenvolvem o prazer da leitura. Vamos propor a elaboração e implantação de um Projeto de Leitura que possa despertar o hábito e o prazer nesses estudantes no transcorrer do Ensino Médio .

Esta pesquisa foi realizada com todos os alunos do 3º ano Ensino Médio do turno matutino do Colégio Estadual João Galvão Sobrinho e na cidade de Itamar-Bahi e uma de suas prerrogativas é também mostrar como a pesquisa foi realizada, os recursos e metodologia empregada e os resultados obtidos. Propõe-se também a refletir acerca dos dados obtidos, e de que forma esses dados podem mostrar a situação da leitura existente na Unidade Educacional em apreço e propor possíveis soluções para minimizar essa situação. Ou seja, essa pesquisa tem toda uma finalidade didática e de aplicação além de seu patamar teórico.

Diante disso, o mais importante é que os alunos possam ser orientados para a realização de atividades de leitura, que despertem o seu senso crítico e principalmente despertem o gosto e estimule o hábito da leitura uma vez que formar um leitor crítico requer uma prática constante de leitura crítica.

1 A LEITURA ENTRE O DESAFIO DA FORMAÇÃO ESCOLARE O COTIDIANO NO COLÉGIO ESTADUAL JOÃO GALVÃO SOBRINHO

O Colégio Estadual João Galvão Sobrinho tem acompanhado a Reforma do Ensino Médio, vivenciando experiências interdisciplinares e dinamizando a prática educativa. Entretanto, através de observações diretas em sala de aula, e em reuniões e conversas informais e, principalmente, pelo baixo desempenho alcançado nas atividades propostas de leitura e interpretação de textos, os professores têm notado que a ausência de hábito de leitura, aliada a falta de prazer pelos textos são os principais problemas encontrados pelos mediadores do conhecimento, em todas as disciplinas, principalmente os mediadores de Língua Portuguesa no Ensino Médio.

Neste contexto, é que urge uma necessária pesquisa, que sinalize quais os alunos, do Colégio Estadual João G. Sobrinho da cidade de Itamari que praticam a leitura como um hábito, e por prazer, para que os mediadores do dito Colégio, possam, através desses exemplos positivos, desenvolver atividades para minimizar esse tão grave problema.

Essa pesquisa tentará responder as seguintes indagações que são pertinentes a todos os envolvidos no processo educativo: É possível a escola ensinar a paixão de ler? Qual a importância da leitura para a formação cidadã? Por que alguns alunos do Ensino Médio desenvolvem o prazer pela leitura em detrimento de outros?

Nestes aspectos, os objetivos primordiais deste trabalho, são de proporcionar conhecimento de como esses discentes desenvolveram esse hábito tão enriquecedor e como podemos fazer uso desse conhecimento no Col. Est. João Galvão para incentivar na formação de outros alunos leitores.

Buscar-se-á refletir sobre o que contribui e contribuiu para o desenvolvimento do prazer e no aprendizado da leitura para estes estudantes que têm o hábito da leitura. Através dos resultados dessa pesquisa poder-se-á implantar ações que possam contribuir para uma educação que desenvolva nos alunos as competências e habilidades necessárias, para que eles possam aprender e desenvolver adequadamente o prazer pela leitura e a facilidade de ler e interpretar textos dos

mais variados gêneros. É assim que nos orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96).

Neste sentido vale salientar o que nos orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio sobre o que deve ser desenvolvido no aluno:

(...) seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão lingüística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho (2002: p. 03).

As pesquisas realizadas em nível nacional vêm mostrando um quadro distante do que propõe os PCN. Através dos resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/ MEC), 42% dos alunos da 3ª série do ensino médio encontram-se no estágio crítico ou muito crítico, quando o assunto é leitura. Segundo o INEP os estudantes lêem apenas textos narrativos e informativos simples e enfrentam dificuldades diante de questões que exigem interpretação de gêneros literários variados. “O fraco desempenho é o retrato de toda uma trajetória educacional”, constata Carlos Henrique Araújo, diretor de Avaliação da Educação Básica do Inep.

Neste contexto, será necessário salientar que a leitura deve ser entendida como um processo de construção de sentidos, que acontece nas relações das informações explícitas no texto com o conhecimento prévio do leitor. Essa construção de significado envolve habilidades capazes de possibilitar o posicionamento crítico do leitor frente ao texto e ao mundo, significando-os de acordo com sua prática social. Essa leitura é o meio capaz de trazer liberdade e realização ao ser humano, tornando-o cidadão crítico para atuar na sociedade em que vive.

De acordo com Bamberger (1991) a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, para ele “todo bom leitor é bom aprendiz”.

Neste sentido, a leitura também se refere ao comportamento cultural nas sociedades letradas. Dessa forma, a leitura não pode ser vista como um processo isolado no qual se estabelece uma relação direta e exclusiva entre o leitor e o texto, pois vários outros fatores contribuem para a sua efetivação.

Ainda segundo Kleiman (1998), a leitura remete a outros textos e a outras leituras. Ao ler um texto, o leitor coloca em ação o seu sistema de valores, crenças e atitudes, reflexos do grupo social a que pertence. Dessa forma, tudo aquilo que é vivenciado e aprendido tem influência no processo de leitura.

1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONSTITUTIVOS DA LEITURA NO BRASIL

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil, teve início com o processo de catequização dos nativos, durante a colonização, e sua prática tem sido alvo de inúmeros debates históricos por ser segundo vários autores, utilizada como forma de apropriação e opressão dos colonizadores sobre os colonizados e a busca da verdade em todas as civilizações no decorrer da História percebe-se a língua enquanto instrumento de poder e de homogeneização da classe dominante. Assim, todo ocorreu com a implantação da língua portuguesa em solo nacional, e a completa erradicação legal da língua Tupi. Houve a partir daí e apoiada pelos sucessivos governos coloniais e pós coloniais a tentativa de homogeneização linguística, fato amplamente corroborado até os dias atuais.

Galvão e Batista (2006) trazem que até meados do século XIX, os livros de leitura praticamente não existiam, e o número de escolas era muito restrito. No período colonial, a escolarização se dava, na maioria dos casos nas fazendas ou engenhos e o “professor” era sempre alguém mais letrado como o padre, o capelão ou mesmo alguém contratado para esse fim. Poucas eram as escolas públicas. Aos escravos, era proibido frequentar as escolas, e às meninas, era oferecida apenas uma educação geral para que pudessem cumprir as atividades domésticas.

A partir do período imperial, começa-se a tomar iniciativas para aumentar o nível de escolarização da população. No final do século XIX e início do século XX, expandir a escolarização, tornou-se meta do governo republicano. Desta forma, várias reformas educacionais começaram a ser propostas, novos métodos e teorias passaram a ser difundidos, mas, à palmatória e outros castigos físicos norteavam a

sala de aula. As escolas, em sua maioria, não eram graduadas por séries, como acontece ainda hoje em alguns lugares do país. Os alunos, todos na mesma sala, eram agrupados pelo nível de instrução que possuíam medidos pelo livro de leitura em que cada um se encontrava.

A forma como a língua é ensinada nessa fase colonizadora já revela a maneira impositiva como isso acontecia, depreendendo aos nativos de sua verdadeira língua de origem e suas tradições orais. Nessas culturas de oralidade primária, a aprendizagem não ocorria, pelo disciplinamento imposto pelo hábito de “estudar”, mas pela imitação. Aprendiam pela prática caçando, coletando, plantando, ouvindo, repetindo, dominando os saberes com os mais experientes e fundamentalmente com os saberes ancestrais.

Da mesma forma com os escravizados africanos, foi-lhes tomado o direito de comunicar-se em sua língua, substituindo-a paulatinamente pela língua portuguesa. Vê-se aqui, que a língua escrita do colonizador entra numa civilização com larga tradição de oralidade, onde havia leitura e educação, mas não da forma e nos moldes “europeus”. Na nossa cultura letrada, a riqueza da oralidade dessas culturas sempre foi negligenciada nos meios acadêmicos e somente a partir da década de 60 do século passado, se começa a investigar sistematicamente as relações entre o oral e o escrito, na atualidade. Os conceitos de oralismo e oralidade foram sendo trazidos à tona, contribuindo para a caracterização de sociedades que, dispensando o uso da escrita, têm usado a linguagem oral em seus processos de comunicação.

De acordo com Havelock (1995), os conceitos de oralidade e oralismo identificam um certo tipo de consciência criada pela oralidade, tão importante quanto à linguagem escrita e tão posta à margem pelas culturas letradas. Nessas culturas, como a dos brasileiros ancestrais, de cultura oral primária (ONG 1998, GALVÃO E BATISTA, 2006), o advento da escrita não afetava seu *modus vivendi*, pois havia um pensar oral e não a necessidade de uma simbologia gráfica. A aculturação aqui e a substituição da oralidade pela escrita se deu paulatinamente e de forma impositiva.

Nota-se aqui que o não saber ler está claramente ligado à uma concepção colonialista do não acesso ao seu padrão de leitura. E apesar das discussões mais atuais sobre o fato de que todos de alguma forma leem e sabem ler, ainda é mais forte o apelo da leitura escrita convencional, pois a sua ausência, como nos tempos coloniais, significa a exclusão social do indivíduo a sua pouca apreensão ou pouco

acesso continua sendo exclusão. Fica claro que numa sociedade altamente excludente e de discursos ideológicos ambíguos, existe a clara intencionalidade de não promover o acesso à leitura plena, sob o discurso de acesso total à educação.

No Brasil, há uma grande deficiência em relação à leitura, por motivos culturais ou econômicos. Há falta de acesso a bibliotecas e instrumentos de informação. Sendo assim, os brasileiros leem pouco e os nossos alunos, geralmente, só fazem as leituras pedidas pelo professor e porque sabem que se não as fizerem terão um reflexo negativo em sua nota. Ou seja, o baixo nível do ensino reflete na suposta aversão dos alunos com a leitura.

Diante da série de fatores apontados como baixa escolarização dos pais, falta de interesse da família em geral, falta de acesso ao livro, destaca-se também o conteúdo das leituras. O conteúdo ideológico do livro didático assim como textos descontextualizados, tem sido apontado como fatores que contribuem para aumentar o desinteresse dos educandos no que se refere à prática de leitura. Somase a isto, a concorrência dos estímulos rápidos através da comunicação instantânea e dos estímulos visuais.

De acordo com dados do IBGE (2009), ainda é o alto índice de analfabetos que assola o Brasil. Este índice diminuiu de 8,7% em 2012 para 8,3% em 2013. Mas o número de pessoas sem instrução subiu 4,3% e atingiu marca de 16 milhões. 16 milhões de pessoas sem acesso à cultura letrada e outros tantos milhões como alfabetizados funcionais ou sejam aqueles que decodificam signos mas são incapazes de interpretar algo com maior nível de complexidade. Esses dados do IBGE também informam que mais de 50% dos brasileiros estão conectados à internet, diz Pnad Proporção de internautas subiu de 49,2% para 50,1% entre 2012 e 2013. Segundo esses dados do IBGE, 75,5% da população no Brasil tem celular. E a maioria dos celulares está conectada aos serviços mais modernos de comunicação, envolvendo a escrita.

Diante dessa perspectiva Como avaliar o não saber ler? Como explicar o não gostar de ler? Entendendo a leitura como algo abrangente e diretamente atrelada à percepção e à criticidade, pode-se constatar que, essa atividade feita por parte significativa da população em relação ao seu contexto de vivência, prioriza seus interesses e problemas. Porém, não é reconhecida e/ou incentivada quando ameaça

o poder. A repressão que se faz aos movimentos populares reivindicatórios é um claro exemplo desta prática.

Alguns fatos comprovam discriminações no tocante ao acesso à leitura, um exemplo claro é o preço exorbitante dos livros, inacessíveis, às classes populares. Assim, alguns poucos se acham possuidores do conhecimento e sabedoria, considerando a cultura do povo como “folclore” tal qual a época do Brasil Colônia. Foi mais fácil alegorizar índios e escravos do que dar a eles o direito de manifestar seu modo de viver. Daí que os poucos que freqüentam as escolas e a universidade detêm o poder do conhecimento, restando ao povo segui-los.

Muitas pessoas classificam cultura apenas como erudita ou clássica, pois, para elas, as manifestações populares de vida, costumes e valores não possuem valor cultural, servindo, quando muito, de objeto de curiosidade turística e de fonte de exploração econômica. Isso é visto em escolas e até em universidades, que mesmo quando promovem semanas de arte, ou cultura em geral, denotam arrogância ao retratar o lado alegórico das manifestações de tradições, sem lhes promover o verdadeiro valor enquanto categoria de conhecimento.

O fato dessa leitura popular de mundo ser submetida e desclassificada ante a cultura de outrem, muitas vezes, embasadas em teorias e princípios advindos de outras terras realidades e experiências diversificadas, revela o conteúdo ideológico contido em vários setores da sociedade, a exemplo da política, igrejas e escola sendo este último o local onde esse discurso mais se acirra. Neste sentido, entende-se que o papel social da escola deve ser discutido e revisto. O acesso à cultura letrada não pode configurar-se como imposição sobre o iletrado tampouco negar-lhe a escolha.

Nesse sentido Bagno (2002) já afirmava haver no Brasil um reconceito lingüístico socialmente construído e constituído. Enfatiza em sua obra acerca da afirmação de que o brasileiro não sabe falar português e que a mesma só em bem falada por nossos colonizadores, trata-se de uma ignorância nutrida pelo povo brasileiro, que compara o português de Portugal a um padrão de perfeição, que na realidade não existe. a linguagem enquanto produção social contextualizada só é evidenciada enquanto objeto de estudo a partir do advento da Sociolingüística Variacionistas Estados Unidos, nos anos 60 do século XX. Nesse ínterim, os

contextos produtores da linguagem passam a ser considerados e os esquemas de certo ou errado passam a ser questionados. A língua e linguagem passa a ser rediscutidas sob o olhar de traço de identidade da comunidade a qual está inserida. Essa nova visão corrobora com o que Bagno (2002) afirma que a crença de que existe uma única língua portuguesa “digna”, dissemina a ideia de que pessoas de determinadas regiões geográficas e desprestigiadas socialmente, falam a língua portuguesa de maneira incorreta, já que qualquer manifestação lingüística que escape da pirâmide escola-gramática-dicionário é considerada “errada”. Bagno (2002) sugere a existência de oito preconceitos na sociedade brasileira referentes ao uso da língua em que defende a tese de que há um embate histórico entre lingüistas e vernaculistas acerca da utilização do idioma e postura da tradição gramatical, que acabaram repercutindo de maneira negativa no ensino-aprendizagem da língua em solo brasileiro.

Assim percebe-se que, parte dos conteúdos das leituras no ambiente escolar é alienante, situado propositalmente fora da realidade, com o objetivo implícito de servir de instrumento de manipulação dos que o recebem e aceitam, a serviço dos que o impõem. O próprio sistema facilita e incentiva a veiculação, inclusive extra escola, de conteúdos altamente alienantes, ao mesmo tempo, em que dissemina a ideologia do não gostar de ler. A alta presença de textos sensacionalistas, voltados à imprensa midiática incentiva o ideológico internacional e a literatura pornográfica. Assim, boa parte dos jovens tem acesso desmedido a conteúdos que propiciam o acesso à leitura, mas não garantem a qualidade desta, ou seja, acesso à leitura por sua vez não garante que ele seja vista de forma reflexiva e crítica por parte do aluno.

Assim ao absorver leituras repassadas pela via midiática, o indivíduo reproduz determinados comportamentos ideológicos que servem ao sistema, como é o caso das novelas, revistas com as vidas dos artistas enfim, conteúdos que passam uma visão dualística da realidade de bem e mal, visão de destino pré-determinado e outros que inferem ao indivíduo a responsabilidade por sua vida e seus problemas, desobrigando as instituições disso, mas deixando claro que está nas mãos de cada um fazer a diferença e se não fazem, não é culpa das instituições, não é culpa do governo, pois o acesso está aí e para todos.

Entende-se que , a leitura da realidade é manipulada por vários meios. A televisão, por exemplo, por ser o mais meio acessível, com seus programas

importados na sua maioria estilo reality show; o cinema encontra-se hoje, mais acessível com o cinema em casa e seus altos conteúdos de violência e pornografia, manipulam e corroem gerações gradativamente. Dessa forma os valores e necessidades são substituídos na escola e fora dela. As aulas com conteúdo de leitura, muitas vezes descontextualizados são vistos como "sem graça ou chatas". Enquanto educadora vejo, a todo o momento. situações e que há uma verdadeira disputa de atenção, em sala de aula e também nas atividades prescritas para casa onde o forte conteúdo das mídias e tecnologias de informação concorrem com o que é mediatizado pela escola. É esse o contexto que vivenciamos em sala de aula e esse o contexto que precisa o quanto antes ser reformulado.

1.2 A LÍNGUA PORTUGUESA E A LEITURA NA SALA DE AULA

Segundo Bamberger(1988),

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de Educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.(Bamberger1988, p. 11),

A leitura, desde muito tempo, vem sendo utilizada como requisito essencial para da formação educacional, sobre o qual recaem múltiplas expectativas: possibilitar a incorporação de valores, facilitarem o uso da língua, transmitir conteúdos gramaticais e assegurar o gosto pela leitura e escrita dentre outras. Para Bamberger (1987), o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas públicas. As crianças aprendem pelo exemplo, por isso pais que leem, transferem para os filhos o gosto pela leitura. Infelizmente, atualmente os pais, qualquer que seja a classe social a que pertençam, não querem que a escola apenas instrua seus filhos. Querem que ela os eduque no sentido mais amplo da palavra, que transmita valores morais,

princípios éticos, padrões de comportamento. Há muito se fala na escola como espaço de formação da personalidade do futuro adulto. O problema é que, ao longo de sua evolução, a escola tornou-se mais do que uma simples instituição de apoio à família, por conta dessa omissão e transferência de responsabilidades ela posicionou-se contra a família, criando mais uma demanda a ser tratada no âmbito educacional (CUNHA, 2000). A família e a escola no contexto de gestão educacional atual precisam e devem caminhar juntas no sentido de uma educação ampla e total.

A leitura deve ser entendida como um processo de construção de sentido, que acontece na relação das informações explícitas no texto, com o conhecimento prévio do leitor. Isso pressupõe uma multiplicidade de sentidos que são estabelecidos por elementos históricos sociais do escritor, do texto e do leitor. Essa construção de significados envolve habilidades capazes de possibilitar posicionamento crítico do leitor frente ao texto e ao mundo, resignificando-os de acordo com sua prática social. Os conceitos que permeiam a sociedade possuem tantas formações ideológicas quanto forem as manifestações discursivas. A leitura é o meio capaz de trazer liberdade e realização ao ser humano, tornando-o um cidadão crítico, para atuar na sociedade em que vive

Entretanto, durante muitos anos acreditou-se, também, que entre as massas (escolas e população) a leitura se baseava, apenas, na interpretação de códigos. Hoje, ou até mesmo somos questionados por muitos estudiosos sobre a existência de diversos parâmetros para a leitura. “Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de ‘leitores’ capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler” (PCN de Língua Portuguesa, 1996, p.16).

Neste aspecto percebe-se que o que a escola não está conseguindo desenvolver as habilidades e competências necessárias para formar um leitor proficiente e reflexivo. Ao invés disso, está contribuindo para que esse aluno saia da escola cada vez mais lendo de forma mecânica, sem atribuir sentido ao texto. Enfim sendo apenas um leitor considerado “analfabeto funcional”.

Na visão interacionista a leitura é o processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de interação, compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem o leitor passa a ser visto como um sujeito ativo porque cabe a

ele não só a tarefa de descobrir “o significado” do texto, mas de inferir sentidos a partir de sua interação com o texto.

Em outras palavras, a leitura deve ser feita de forma concreta, ou seja, tenha significado com o real do leitor que deixará de ser objeto da leitura para se tornar o sujeito ativo na construção do significado, seja ele, de caráter explícito ou não. Para isso, devemos aprender a ler de maneira eficiente para que ambos os leitores/textos/autores se interliguem em leituras concretas.

Paulo Freire diz que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, por isso a leitura deve acontecer primeiramente através da visão de mundo do aluno, isto é, deve acontecer a partir da realidade onde ele está inserido, para, posteriormente, haver uma inserção de símbolos os quais ainda não fazem parte da vida do educando.

A aprendizagem deve partir do conhecimento pré-existente em cada educando.

(...) não mais educador do educando, não mais educando do educador; mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 2005, p.78-79)

Paulo Freire (2003, p. 19) diz que os professores devem buscar o conteúdo da vida do aluno e ajudá-lo a entender o seu meio social para que ele aprenda a transformá-lo de forma consciente, só assim poderá realmente tornar-se crítico. Neste sentido ele diz,

(...) A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, PAULO, 2003, p.11 – 2)

Por essa razão, a prática da leitura deve ser contínua, a fim de que indivíduo possa ter experiências com os mais diversos gêneros textuais e possam desenvolver o prazer e conseqüentemente a capacidade de fazer leituras reflexivas e críticas. A

diversidade dos gêneros é paralela à diversidade cultural e multicultural do país.

Com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais há a tentativa de regular o ensino da língua para o ensino fundamental e médio, considerando os aspectos de diversidade e multiculturalismo presentes na nação brasileira, presumindo que em uma sociedade tão diversa não há lugar para homogeneização. Assim o discurso de respeito as diferenças e as considerações à heterogeneidade da língua passou a ser vislumbrada, sendo atualmente (ainda que em termos de documento e ideal) a proposta vigente nos meios pedagógicos brasileiros. Assim, a universidade mantém uma postura ainda preconceituosa no que diz respeito às considerações ao usos e apropriação da língua,

Considerando que a escola é o lugar onde a comunicação diversa se concretiza e que ao professor cabe a tarefa de reelaborar com o aluno a forma como ela é concluída, a forma como interage no processo, nada mais adequado que trazer situações onde o ensino da língua esteja próximo ao contexto. Isso inclui a utilização de músicas, poemas, artigos, livros , revistas, enfim,

Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade". (PCN, 1997, p.30).

Entendendo que o texto deve ser um instrumento que deverá unir os conteúdos das disciplinas a um contexto social que deverá provocar o prazer da leitura a princípio e posteriormente a reflexão e a realização do trabalho proposto, o professor deverá ter em mente que essa proposta é interdisciplinar e, portanto passível de análise, preparo, delimitação de objetivos e coerência nas atividades propostas, pois o conhecimento adquirido ali ultrapassa os limites da escola.

E nesse sentido infelizmente a escola falha, pois ainda que lidando com professores habilitados e preparados, por vezes a disposição em trabalhar de forma variada e diversa, com a inclusão de textos que possibilitem a inclusão e o letramento, por vezes esse trabalho é ignorado e habitua-se apenas ao trivial e ao mandar o aluno ler algo que é comum, habitual, mas completamente descaracterizado e fora da realidade desse.

1.3. A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

Os PCNs, em sua proposição desde o século passado lança esse desafio aos professores e a toda a escola: a inclusão dos gêneros literários e de metodologias diversificadas para o ensino da Língua Portuguesa como forma de sensibilizar o leitor e promover uma leitura autônoma, crítica e dinâmica,

Dessa forma, uma seleção variada de gêneros seria muito útil para orientar a programação curricular, seja enquanto definição de princípios seja enquanto delimitação de objetivos, conteúdos e atividades. A diversidade textual, que existe fora da escola, pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno (PCN, 1997, p.34).

Para além de um mero trabalho lingüístico, o trabalho com gênero, promove uma inserção social, uma comunicação mais ampla, uma vez que o domínio de várias formas de expressão e comunicação pode assegurar um pouco mais um exercício mais pleno de cidadania, objetivo maior dos programas curriculares.

A utilidade da inserção dos gêneros na prática escolar, é extensa, pois estes são usados para falar e escrever, presentes nas mais diferentes categorias sociais e se eles não existissem, não haveria comunicação entre as pessoas, sendo úteis, sobretudo, para que elas possam se conhecer e se situar melhor no mundo em que se encontram. Assim, a noção de gênero é necessária e defendida como uma ação pedagógica com a língua que se concretiza nas relações sociais dialógicas, numa experiência real de uso, numa prática social. Pois, antes de constituir um conceito, deve orientar a ação pedagógica com a língua, privilegiando o contato real do estudante com a multiplicidade de textos, constituindo-se assim numa prática social e dialógica.

Na concepção de Schneuwly e Dolz (2004), os gêneros são mega instrumentos para o ensino e a aprendizagem da língua, pois favorece uma integração entre práticas de leitura, escrita e análise linguística. Em relação à escrita, Vygotsky (1989, p. 85) comenta que é uma fala sem interlocutor, dirigida a alguém imaginário e que a criança não sente nenhuma necessidade dela.

A análise linguística dos textos por sua vez, deve partir do pressuposto que a finalidade de todo ato não é só de informar. Ele tem o propósito da argumentação que é, simplesmente, convencer o outro a aceitar o que se pretende comunicar através dos textos que exploram os mecanismos sintáticos e semânticos para provocar no

leitor a crença no ato de transmitir. Qualquer passagem, falada ou escrita, é representada por um texto, sendo um todo significativo, independente de sua extensão. Para o leitor o todo significativo desses textos, só acontece juntamente com o contexto, uma vez que o leitor não se encontra no momento da comunicação. Se o leitor não pode esclarecer suas dúvidas, de compreensão com o próprio autor, é necessário que o texto escrito seja explorado em suas características explícitas. (Nogueira,2002).

Para Orlandi (1987) a leitura depende das condições e dos objetivos em que é produzida e, claro, lida, e, ainda, dos tipos discursivos em que está ancorada. Portanto, condições de produção e recepção, objetivos da leitura, tipos discursivos, ao emanarem das relações intersubjetivas e interlocutivas que se estabelecem nessa dinâmica, fazem do ato de ler um processo interativo e fazem do texto não um mero espaço de informações, mas um lugar de significação e sentido. (Orlandi, 1987:196).

Ainda segundo essa autora, enquanto mediadora (transformadora) entre o homem e a sua realidade natural, social, a leitura deve ser considerada no seu aspecto mais consequente, que é o da compreensão e não da decodificação. “...o aluno traz para a leitura a sua experiência discursiva que inclui sua relação com todas as formas de linguagem.”(Orlandi,1999,38)

Ao analisar o discurso de um texto e de como a temática deste texto é reconstruída na individualidade de cada um, é possível acharmos semelhanças ideológicas de concepções de mundo e assim enxergarmos a sociedade a partir do ponto de vista que considera “a linguagem como uma forma de prática social” (Fairclough, 1989:20). A linguagem é a mediadora social que homogeneiza a heterogênea gama de sujeitos sociais e plurais e muito mais que isso, subjetivos.

Quando falamos em subjetividade, não podemos perder de vista que ela é formada com base na materialidade constituída pela manifestação de vários discursos, instituindo um eu plural, que expressará, num movimento espiralado, sua reelaboração desses discursos, utilizando-se, para isso, da matéria-prima com a qual eles se formaram – ou seja, os signos da sociedade em que tais discursos circulam. (BACCEGA, 2002:17) .

É através dessa subjetividade expressa que se realizam os discursos individuais ou sociais que revelam a ideologia da sociedade.

Travaglia (1995) apresenta três concepções de linguagem: expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma ou processo de interação. A

primeira concepção - linguagem como expressão do pensamento – não prevê a influência do outro nem da situação social na construção do enunciado, já que este se processa no seu interior, é um ato monológico, individual. Nesta concepção, a organização lógica do pensamento segue regras que visam o falar e escrever “bem”. Essas regras, traçadas nas Gramáticas Tradicionais ou Normativas, tomam como base a linguagem literária, exemplo do “escrever bem”.

O trabalho com a leitura segue a mesma orientação; na verdade, há uma preocupação maior com a leitura vozeada (oralização do texto escrito): lê melhor quem se aproxima da leitura modelar do professor. É importante ressaltar que o trabalho feito com o texto ou objeto lido pauta-se na observação de informações que estão na superfície do texto, impossibilitando ao aluno uma leitura mais profunda.

A segunda concepção – linguagem como instrumento de comunicação – vê a língua como um código, um conjunto de signos que se combinam segundo regras, operando na transmissão de uma mensagem do emissor ao receptor. Essa concepção, embora entenda a língua como um ato social, desconsidera o uso, e, conseqüentemente, os falantes e o contexto, limitando-se a um estudo do funcionamento interno da língua, que se apóia nos estudos linguísticos realizados pelo Estruturalismo e pelo Transformacionalismo.

Ancorada nessa visão da língua como código, a prática da leitura não passa de mera reprodução, pois o bom leitor é o que lê o texto do modo previsto, capta e devolve a informação prevista, realizando apenas uma decodificação. Segundo Silva (1993), os procedimentos de leitura seguem uma rotina consagrada: uma conversa prévia sobre o conteúdo do texto, leitura silenciosa pelos alunos, leitura em voz alta pelo professor e depois pelos alunos, para em seguida realizar as atividades escritas de interpretação e redação.

A terceira concepção – linguagem como forma ou processo de interação – entende que, ao fazer uso da linguagem, o indivíduo age sobre o seu interlocutor (ouvinte/leitor), resultando numa produção de sentidos entre locutores, que ocupam posições sociais, históricas, culturais e ideológicas. Essa concepção caracteriza-se pelo diálogo em sentido amplo e está ancorada nos estudos linguísticos da Pragmática, em suas diversas correntes.

Nesta concepção, a leitura passa a ser um processo de construção de significado, levando em conta fatores linguísticos e não-linguísticos. Scliar-Cabral (1992) apresenta a seguinte definição para leitura:

(...) a leitura não se resume à decodificação, ou seja, identificação das letras e dos grafemas, e ao reconhecimento das palavras: ela envolve operar com proposições e com o texto, bem como realizar inferências, emparelhando as informações fornecidas pelo texto com o saber anterior do leitor (...) a leitura é um processo criativo, ativo, no qual o indivíduo joga todo o seu conhecimento anterior para, colhendo novas informações e/ou novos enfoques ou visões do mundo, reestruturar sua própria cosmovisão. (SCLIAR-CABRAL, 1992, p.129)

A abordagem metodológica para a prática de leitura deve partir de uma tomada de posição a respeito de concepção de linguagem para dimensionar o trabalho do professor em sala. A concepção defendida aqui é a que vê a linguagem como forma de interação, portanto, a relação ensino-aprendizagem deve fundamentar-se num processo interativo de construção do conhecimento. Assim, para traçar suas atividades de leitura, o professor deve estar atento a algumas condições, como: o grau de maturidade do sujeito como leitor; o nível da complexidade do texto; o objetivo da leitura; o grau de conhecimento prévio do assunto tratado; o estilo individual do leitor, entre outros (KATO, 1986 p.61)

A concepção de linguagem orienta a concepção de leitura e sua prática na sala de aula, existindo, portanto, coerência entre o que se pretende ensinar e o como se ensina. Aqui mais uma vez volta-se a importância da formação do professor, pois, a concepção por parte dele acerca da língua e a linguagem é um ponto muito importante no ensino de língua materna, pois é mediante essa visão que o trabalho em sala de aula se organiza.

1.4.O PROFESSOR E O INCENTIVO DA PRÁTICA DA LEITURA

Espera-se muito do educador no que se refere à sensibilização e incentivo à leitura. De acordo com Freire(1986)

É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no

aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador. O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando 'curiosidade epistemológica', sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto (FREIRE, 1996, p.27).

Ao educador, cabe introduzir à sua prática para a tarefa árdua de formador de indivíduos conscientes. Para isso, se faz necessária uma reflexão crítica sobre sua prática, redimensionando, discutindo a teoria até então utilizada e a forma como a mesma funciona em relação à prática. A questão primordial aqui é a função outorgada ao professor de despertar, aguçar, sensibilizar a curiosidade do aluno, fornecendo-lhe as bases para que essa se torne uma capacidade que vai do empírico ao epistemológico. Somente um educador, leitor de consciente e disposto a atuar enquanto sujeito histórico terá a capacidade de realizar tal tarefa que exige, empenho, dedicação e muito trabalho, e certamente, se forem abordadas questões de foro prático do cotidiano do professor, todo esse discurso pode ser desconstruído. O que fica assim é a necessidade do profissional consciente, político e conhecedor de sua natureza inacabada, tendo na curiosidade do aluno seu apoio e motivação para o desenvolvimento de novas práxis.

Segundo Freire (1996) para uma prática educativa para a autonomia, é necessário que haja um comprometimento do educador com o seu trabalho, tendo como prerrogativa à figura do educador-educando. Esse indivíduo precisa ter a consciência da sua origem, até chegar ao papel de educador, que passa pela formação.

Freire (2001) aponta em todo seu trabalho a necessidade do educador refazer-se no percurso, sem perder de vista suas origens e, principalmente, sem perder a dimensão do aprendizado contido no ato de ensinar. Pondera sobre o fato de que, por vezes, passa despercebida pelos educadores que a descoberta da possibilidade de ensinar só foi possível pela experiência de homens e mulheres aprendendo socialmente através da história. Por esse motivo, essa característica se torna essencial, pois só por via desta podemos nos colocar no lugar dos alunos para saber como melhor explorar a prática educativa para a autonomia.

Assim, de acordo com Freire (2001, p.38): "[...] não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo". Não é possível ao professor pensar que pensa certo mas, ao mesmo tempo, perguntar ao aluno se

sabe com quem está falando. Quando assim pondera, coloca que a questão do testemunho é importante por que o aluno se reflete não somente no que o professor diz, mas naquilo que ele é. É o que chama de conceito do testemunho. No caso aqui em discussão, professores não leitores, acríticos e meros reprodutores de conteúdo, são logo identificados pelo aluno e conseqüentemente no dia-a-dia de sala de aula, sentem o peso desse contra testemunho. O autoritarismo é um forte indício da falta de preparo e o aluno sabe disso.

Em primeiro lugar, qualquer que seja a prática de que participemos, exige de nós que a exerçamos com responsabilidade. Ser responsável no desenvolvimento de uma prática qualquer implica, de um lado, o cumprimento de deveres, de outro, o exercício de direitos (FREIRE, 2001, p.89).

Nesse sentido, continua afirmando que não existe prática de ensino sem outras características que se fazem presentes no ambiente escolar. O educador deve ser metódico, pesquisador, crítico de sua prática. O comprometimento e a responsabilidade do professor terão por parte do aluno uma observância que certamente farão parte de um contexto de leitura do mundo, com significantes e significados para esse aluno. Quando se fala em termos teóricos tudo parece muito mais fácil, mas difícil diante de todo o contexto descrito é adaptar toda a teoria descrita para a prática cotidiana, sendo que vários ruídos à leitura sistemática e crítica acontecem. Atualmente, muitas propostas metodológicas surgem, nenhuma delas consegue debelar o índice de rejeição a esse tipo de leitura trazido pela escola.

O primeiro pressuposto, aliás o pressuposto ideal para uma prática coerente seria o professor como exemplo de leitor. Muito comum ouvir anos e anos o professor discorrer sobre os benefícios da leitura, afirmando que devemos ler livros clássicos e ressaltando suas qualidades, sem, no entanto demonstrar isso na prática ao aluno. Muitos desses professores talvez nunca fossem vistos com um livro embaixo do braço, ou nem ao menos tenham lido os livros que recomendam. Ou seja, falata a verdade na recomendação e o aluno sabe disso.

Um dos pontos dessa pesquisa é justamente destacar a importância da referência e da sensibilização que o aluno recebe de outrem para que desperte o

gosto pela leitura. E depois da família , é na escola e mais especificamente no professor que essa sensibilização desperta.. Muitas pessoas lêem, e começam a ler depois de ficarem curiosos sobre aquele best seller que viram na revista. Mas a maioria certamente ficará motivada ao ouvir a história sendo fomentada pelo seu referencial: o professor. Sendo assim, o professor deve mostrar amor pela leitura para que o aluno desperte esse amor. Não apenas gosto, nem hábito, mas amor. Isso é imprescindível.

Nesse sentido, cabe ao professor promover algumas ações como de forma a criar uma interação entre os alunos e a leitura. Em primeiro plano, certamente o mais importante é apresentar textos de interesse dos alunos e destacar a utilidade da literatura. Isso por que os alunos certamente não terão interesse em textos distantes de suas realidades ou que não despertem algum tipo de sentimento. Ler depreende um motivo. Ninguém, mesmo um apaixonado por leitura, lê por ler. É necessário gostar, sobretudo é preciso ter necessidade.

Ninguém melhor que o professor para perceber quais os reais interesses dos alunos. Assim, selecionar textos de acordo com seus gostos e apresentá-los, lê-los, interpretá-los, mostrar que um texto (ou um livro) é, de certa forma, um amigo com o qual podemos conversar e trocar ideias. Tornar a leitura útil e fazer com que o aluno perceba isso. Na prática cotidiana o que mais se observa é que a maioria dos alunos não vê utilidade naquilo que lê. Isso não é culpa deles. É culpa da sociedade, desse mundo tecnicista e de puro senso prático e imediato . Comum os alunos dizerem que odeiam a literatura por conta da suposta falta de utilidade prática e cotidiana e ainda imediata da mesma. Quando se começa a ler ficção, é difícil perceber como ela é útil em nossas vidas. Por isso, quem sabe alguns livros de não-ficção possam ser uma boa escolha nesse sentido de criar um senso de necessidade e utilidade.

Diante das inúmeras investigações realizadas no campo educacional, percebe-se nitidamente que as pesquisas sobre saberes docentes procuram ir além dos dados objetivos e das condutas explícitas dos professores, para abordar aquela estrutura ou conjunto de estruturas internas que lhes dá sentido (Zabalza, 1994). Há, porém, pressupostos distintos em relação a essa estrutura interna. O primeiro pressuposto é que os professores constroem sua ação de forma reflexiva, ou seja, supõe-se que eles atuem racionalmente. Podemos chamar de cognitivista tal

tendência. No caso, fala-se em saber docente fazendo-se referência a argumentos, discursos, idéias, juízos e pensamentos com a expectativa que eles obedeçam a exigências de racionalidade. Nessa perspectiva de pesquisa, o professor é caracterizado como um intermediário do saber científico, de quem se espera a capacidade de fornecer os motivos que justifiquem suas ações. Sob esse ponto de vista, considera-se que os professores têm consciência e controle das decisões, juízos e pensamentos que lhes orientam a conduta. Há outra tendência, influenciada pela etnometodologia. O pressuposto nesse caso é que a estrutura interna determinante da ação docente consiste de juízos, crenças, teorias e saberes implícitos. Sob esse ponto de vista, tudo é transformado em saber. Essa é uma perspectiva ainda influente na pesquisa, segundo a qual os professores têm um conhecimento que não conseguem formalizar ou mesmo comunicar. Em meio a essa efervescência de pensamentos e intervenções, nota-se que, nos últimos anos, as pesquisas que apontam para a formação, perspectivas e ações dos professores tem se diversificado e aumentado nos programas de pós-graduação em Educação espalhados pelo país. Procura-se entender as dinâmicas e os domínios dos diferentes saberes docentes, procurando diminuir a insatisfação com as soluções teóricas e metodológicas aos desafios e dilemas postos nas pesquisas educacionais (VAZ et al, 2001, p. 2). Em nosso percurso, também empreendemos a árdua labuta de procurar uma forma de entender a prática e a experiência do professor, a partir de um elemento constitutivo de seus conhecimentos produzidos na troca de conhecimentos, nas falas com os colegas, nos relatos de suas inúmeras experiências. Enfim, em seus mais diversificados relatos. Mas em tempos que a falta de tempo para ouvir - escutar o outro, tem sido um desdobramento heróico de poucos, se faz necessário a escuta como possibilidade de conhecer melhor o vivido pelos professores em suas experiências mais diversificadas no percurso de ensinar. Apesar de conhecermos inúmeros caminhos e reconhecermos os méritos próprios de cada forma de coleta de dados, entendemos que as narrativas nos auxiliam numa compreensão mais efetiva e ativa da prática e do pensamento do professor enquanto agente do processo de construção do conhecimento, tanto seu, quanto de seus alunos. Nelas os professores são capazes de “abrir o coração” e de forma livre e espontânea narrar as suas mais diversas experiências, coisa que não conseguimos com outros instrumentos, por talvez, carregarem a carga etimológica

da própria palavra entrevista. Mesmo não deixando de ser uma forma de entrevista, o professor/pesquisado não se sente inibido e aos poucos se mostra enquanto sujeito e, não meramente como objeto. A narrativa... é, por assim dizer, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. [...] (BENJAMIN, 1994, p. 69).

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1979), uma questão que nos leva a inúmeras mudanças é a forma de organizar o ensino da leitura e da escrita. Tais mudanças, junto com pesquisas realizadas neste campo têm-nos mostrado que não se trata de ensinar a ler e a escrever, decompondo o código escrito em peças (vogais, consoantes, sílabas, palavras e frases), mas de toda uma exploração para aprender a descobrir relações, interrogar-se sobre os significados deste sistema e, assim, continuar aprendendo. Este percurso indica que o código escrito tem de estar presente nas salas de aula com todas as modalidades textuais e também como referência para desenvolver diferentes tipos de explorações (PÉREZ; GARCÍA, 2001).

O professor pode conduzir e estimular a curiosidade do aluno, respeitando os fatores já citados acima, fazendo ligações dessas leituras com a realidade e conhecimento de mundo do mesmo, possibilitando assim, o desenvolvimento da autonomia. Pode-se utilizar, por exemplo, tipos de leitura relacionada aos conteúdos que mexam com a realidade do educando, tornando a aprendizagem significativa.

Atualmente, a proposta mais utilizada é aquela contida nos PCN que são validadas por vários teóricos. O aluno precisa ler e compreender os diversos materiais, visuais ou orais, apresentados a ele, porém, é preciso que o mesmo consiga perceber as ideias, os discursos e as possibilidades existentes além das linhas e imagens dos diversos textos. O aluno certamente não se configura em um leitor passivo atualmente, a questão que se levanta é: a que tipo de leitura ele responde e como qual tipo de texto ele interage e de que forma esse texto contribui com sua aprendizagem e desenvolvimento. Além de questões técnicas, a leitura envolve também toda uma questão ética. Sobre isso Rojo(2009) salienta que:

Textos orais e escritos não têm sentido em si mesmos, mas interlocutores (escritores e leitores, por exemplo) situados no mundo social com seus valores, projetos políticos, histórias e desejos constroem seus significados para agir na vida social (ROJO, 2009, p. 108).

Assim, os gêneros textuais, conforme propostas dos PCNS tornam-se importantes ferramentas para atingir o objetivo de uma leitura crítica no ensino de língua portuguesa a caminho do letramento efetivo do sujeito. Desse modo, torna-se relevante trabalhar com os textos materializados da vida diária, tais como romances, vídeos, textos jornalísticos, entre outros. Mas é preciso também inovar. É estar sensível e aberto para a utilização dessas novas tecnologias e ferramentas que atualmente se configura o grande desafio ao professor.

CAP 2.ESCOLA E LEITURA EM DIREÇÃO AO MULTILETRAMENTO

De acordo com (TFOUNI,2010), letramento é um processo mais amplo que a alfabetização e que deve ser compreendido como um processo sócio-histórico. relaciona, assim, letramento com o desenvolvimento das sociedades. Nesse sentido, a autora explica que o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Em um contexto social mais amplo e dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo (TFOUNI,2010).

Letramento seria, portanto, causa e consequência do desenvolvimento. Assim, o significado atribuído pela autora ao termo letramento extrapola a escola e o processo de alfabetização, referindo-se a processos sociais mais amplos. “O letramento [...] focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. [...] tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo (TFOUNI, 1988, p.89).O letramento também é compreendido como um fenômeno mais amplo e que ultrapassa os domínios da escola e enfatizado em seus aspectos social e utilitários por Kleiman (2002), quando afirma que o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.

Kleiman afirma que o “[...] fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita” (2008, p. 20). Desta forma, letramento seria um conjunto de práticas com objetivos específicos e em contextos específicos, que envolvem a escrita. A escola, por sua vez, seria apenas uma agência de letramento, dentre várias outras, e realizaria apenas algumas práticas de letramento. Assim, o conceito de letramento não se limita à ideia de “estado de quem sabe ler e

escrever”, nem se permite transformarem adjetivo para designar o “ser letrado”, como se permite designar o “ser alfabetizado”, com base no conceito de alfabetização.

Sendo a escola essa agência, ela não pode estar desligada do que acontece na realidade do aluno e distantes das novas ferramentas de tecnologia para auxiliar no trabalho do letramento. Assim, a inserção dessas novas ferramentas da tecnologia de comunicação e as redes sociais não podem ser menosprezadas na escola. A maioria delas disponibilizam imagens em tempo real que podem e devem ser utilizadas, pois se configuram hoje no mais dinâmico e rápido meio de leitura escrita e visual e como tal não podem ser negligenciados, mas utilizados em favor do conhecimento estratégico. Ignorar as particularidades e o alcance dessa forma de leitura que hoje demarcam e assinalam a variedade do discurso leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo da língua, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. E só perpetua a prática que tem sido tão comum no decorrer da história de desconsiderar o que acontece nos meios populares.

Ainda que seja entendida por alguns como forma de manipulação, uma vez que entrou de forma incisiva, porém desordenada na vida das pessoas, é inegável o poder e a presença no meio da população e isso precisa ser visto, pois segundo Bakhtin (1992), a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. E assim sendo as tecnologias de comunicação e informação hoje possuem essa relação simbiótica com a língua e com a vida e não poderiam ficar de fora da educação. Algumas são introduzidas, porém pouco utilizadas e outras tantas ainda nem foram introduzidas.

De acordo com Delgado (1996), a proporção que novos hábitos e ferramentas forem introduzidos no âmbito da investigação científica e tecnológica, elas precisam e devem ser adotadas na educação. É fundamental a integração da escola com o cotidiano do aluno.

A tarefa do professor, então, é fazer o aluno repetir as respostas oferecidas pelos livros, preenchendo os espaços em branco que cada livro traz para ser preenchido. O professor precisa estar atento para métodos obsoletos e que matem a capacidade crítica do aluno. Só o compromisso com uma educação para a autonomia e criticidade pode desfazer o emaranhado em que um sistema de

métodos arraigados e sem serventia nos coloca no dia a dia em sala de aula.

Este tipo de metodologia é algo facilmente proposto, cômodo e propositalmente incentivado, pois, à medida em que os conteúdos são incorporados tal e qual foram veiculados, sem modificações e avaliações, garante uma certa manutenção da ordem institucionalizada. De outro lado, se incapacitam as pessoas para o exercício da avaliação crítica, o que é mais um sustentáculo da não-modificação do “status quo”.

De acordo com Freire (1996) existe uma clara e evidente metodologia de manutenção da ordem, principalmente nas aulas de português, pois a linguagem como instrumento libertador, quando usada ao contrário pode sujeitar, ou tornar objeto. O professor por vezes apático à situação, por vezes conivente a ela não faz muito, salvo raríssimas exceções, para mudar essa situação, que é um verdadeiro nadar contra a corrente de águas violentas.

Freire

(1996) destaca nesse contexto a importância da participação do aluno na feitura do processo, segundo ele, não existe docência sem discência, pois no processo de formação, o educador não está apenas transferindo seu conhecimento para o educando, mas sim participando no processo de produção do conhecimento por conta do educando, que ao ter seu conhecimento de mundo respeitado e utilizado pelo educador na exposição dos conteúdos, é capaz de pensá-lo de forma a ativar sua criticidade, produzindo novos conceitos a partir dos antigos. Aqui há que considerar todo o repertório de vida que o educando traz, para compor uma metodologia adequada para a aprendizagem e para a prática de uma leitura consciente, ativa e produtiva.

2.1 LEITURA NA ERA DA INCLUSÃO TECNOLÓGICA

O ato de ler faz com que o aluno amplie sua visão de mundo, transformando-se em uma pessoa reflexiva e questionadora sobre o contexto de vivência. Assim, a leitura crítica deve ser estimulada em todo ambiente, a princípio na família e sobretudo no âmbito escolar, cabendo ao educador levar em consideração as leituras que o aluno traz consigo, inclusive as do seu ambiente familiar.

Nesse sentido, alguns autores discorrem acerca da concepção de leitura.

Silva (198) destaca que ler é participar mais crítica e ativamente da comunicação humana e explicita algumas funções da leitura: leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda a própria vida do ser humano; leitura está intimamente ligada com o sucesso acadêmico do ser que aprende; leitura é um dos principais instrumentos que permite ao ser humano situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à práxis; a facilitação da aprendizagem eficiente da leitura é um dos principais recursos de que o professor dispõe para combater a massificação galopante, executada, principalmente pela televisão; a leitura possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem.

Já Lajolo (2002, p. 05) afirma que “a leitura é uma prática circular e infinita que não esgota seu poder de sedução nos estreitos limites da escola”. Infelizmente nas escolas, a leitura ainda continua em grande maioria na linha do verbalismo, da repetição, da memorização e retenção de conteúdo, sem que os mesmos sejam submetidos a um processo crítico de avaliação, quer pelo confronto do que se leu com a realidade e informações vividas e possuídas pelos leitores, quer pela detecção do valor e da atualidade da própria mensagem transmitida. Assim ler, seria, o ato pelo qual cada pessoa enfrenta a realidade para compreendê-la e elucidá-la, seja pela descrição de suas características essenciais, seja pela descoberta de sua origem e evolução.

Esse enfrentamento da realidade, de um lado, pode ocorrer pelo contato direto do sujeito cognoscente com o objeto a ser conhecido, tendo ou não alguma pré-noção sobre o mesmo, nesta situação, o sujeito é desafiado pela realidade. Para ele, ela é carente de um sentido, de uma significação, de uma interpretação. A prática do sujeito sobre essa realidade que o desafia dar-lhe-á condições para compreender o seu modo de ser. O processo de operar com a realidade, para encontrar-lhe o sentido mais adequado, mais elucidativo, é propriamente o ato de estudar, enquanto relação direta do sujeito com o objeto do conhecimento.

O indivíduo é levado a entrar em contato com outros indivíduos (professores e alunos), em sala de aula, usando a leitura em situações reais que privilegiam o contexto, a cultura e o conhecimento prévio trazido pelos mesmos. Esse contato e essa realização social através da língua, seja pela escrita ou oralidade, concretiza a

abordagem sociointeracional, a qual enfatiza a comunicação e a inter-relação entre os sujeitos como esclarece os PCN (BRASIL, 1998, p. 27).

O uso da linguagem (tanto verbal quanto visual) essencialmente determinado pela sua natureza sociointeracional, pois quem a usa considera aquele a quem se dirige ou quem produziu um enunciado [...] as pessoas o fazem para agirem no mundo social em um determinado momento e espaço, em relação a quem se dirigem ou a quem se dirigiu a elas (BRASIL, 1998, p. 27).

Para Kleiman, o ser letrado e/ou alfabetizado então extrapola o mundo da escola, apesar de ligado a ela. Somente, as práticas sociais de uso da leitura e da escrita em suas relações com o multiculturalismo, com a escola e, principalmente com a formação de professores podem ser compreendidas. Ratifica essa ponderação Soares quando afirma que existe uma evidente correlação entre escolarização e letramento e que “a escolarização é fator decisivo na promoção do letramento” (2004, p. 99) e afirma ainda que conforme aumentam os anos de escolarização, aumenta, também, o nível de letramento em que os sujeitos são classificados.

2.2. LETRAMENTO NO RUMO DA AUTONOMIA

A prática social é inerente ao sujeito, ou seja, ele é concebido em um ambiente sócio-histórico-político-cultural e, ainda, imerso em situações linguísticas. Desse modo, é preciso que os métodos e estratégias voltadas ao ensino de Língua Portuguesa motivem o indivíduo a perceber, refletir e recriar o seu mundo não se ajustando a eles, mas formando com sua ação, com seu pensar e com sua leitura. Para que as aulas de Língua Portuguesa ultrapassem essas barreiras de entendimento e de simpatia na prática, é preciso considerar seu dinamismo, intercâmbio e um entendimento dos discursos emergentes e subjacentes. Há que se considerar o que o aluno lê, em seu cotidiano e trazê-lo, incorporá-lo em sala de aula. De acordo com (ROJO, 2009), o ideal é que a leitura, e tudo o que corrobora para o desenvolvimento do indivíduo através da língua, seja dotada de criticidade. Para tanto, é necessário que as estratégias de leitura devam ser contextualizadas para que se estabeleçam possibilidades de transformação do sujeito e assim da comunidade na qual está inserido.

Para Kleiman, o ser letrado e/ou alfabetizado então extrapola o mundo da escola, apesar de ligado a ela. Somente, as práticas sociais de uso da leitura e da escrita em suas relações com o multiculturalismo, com a escola e, principalmente com a formação de professores podem ser compreendidas. Ratifica essa ponderação Soares quando afirma que existe uma evidente correlação entre escolarização e letramento e que “a escolarização é fator decisivo na promoção do letramento” (2004, p. 99) e afirma ainda que conforme aumentam os anos de escolarização, aumenta, também, o nível de letramento em que os sujeitos são classificados.

O Letramento além de integrar leitura e escrita que envolvem um conjunto de habilidades, de comportamentos e conhecimentos, também é um conjunto de comportamentos que compõem o processo de produção do conhecimento. Então, há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas, do indivíduo, do seu meio, do contexto social e cultural. Observa-se dessa forma, que a primeira prerrogativa desse entrave seria em nível individual, pois o letramento não ocorre de forma uniforme. É muito individual mesmo e nem sempre, ao apreender a leitura, o indivíduo apreende a escrita no mesmo nível e vice-versa.

Nesse sentido, entende-se que

A língua é um sistema que se estrutura no uso e para o uso, escrito e falado, sempre contextualizado. No entanto, a condição básica para o uso escrito da língua, que é a apropriação do sistema alfabético, envolve, da parte dos alunos, aprendizados muito específicos, independentes do contexto de uso, relativos aos componentes do sistema fonológico da língua e às suas inter-relações. Explicando e exemplificando: as relações entre consoantes e vogais, na fala e na escrita, permanecem as mesmas, independentemente do gênero textual em que aparecem e da esfera social em que circule; numa piada ou nos autos de um processo jurídico, as consoantes e vogais são as mesmas e se inter-relacionam segundo as mesmas regras (BATISTA et al., 2010, p 12).

Ainda de acordo com (BATISTA et al., 2010), o desenvolvimento das capacidades linguísticas de ler e escrever, falar e ouvir com compreensão, em situações diferentes dos familiares, não acontecem de forma espontânea. Necessitam ser orientadas sistematicamente nos anos iniciais da Educação. Para tanto, é necessário que os professores estejam realmente cientes, comprometidos e que compreendam os processos envolvidos na aquisição de sistema de escrita

alfabético e das capacidades necessárias ao aluno para o domínio dos campos da leitura, da compreensão e produção de textos escritos e de textos orais, em situações diferenciadas daquelas do cotidiano do aluno.

2.3. A PERSPECTIVA ATUAL DO MULTILETRAMENTO

O termo multiletramento surge atualmente como forma de abarcar todas as necessidades provenientes da utilização da leitura como prática social, alfabetizadora e com sua função de conectar o homem com a sociedade em que vive. Apesar de estar diretamente associado como uso das novas tecnologias e ao multiletramento digital, (ROJO,2012, p.08)) afirma que “trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação (‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos” .

Ainda de acordo com Rojo (2012) apresenta propostas que partem das referências dos alunos, implicando a imersão e o reconhecimento da prática crítica e analítica do alunado. A autora ressalta, que a prática multiletrada vai além do conceito de letramentos múltiplos (que se refere à multiplicidade e variedade das práticas letradas reconhecidas ou não pelas sociedades), já que o multiletramento “aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (p. 13). Assim, nada mais atual e relevante para a prática escolar, pois é necessário levar em consideração que as produções culturais que estão a nossa volta, hoje, são um conjunto de textos híbridos de diferentes gêneros, campos e de produtores variados. Para os autores, “vivemos, já pelo menos desde o início do século XX (senão desde sempre), em sociedades de híbridos impuros, fronteirços” (p. 14).

A perspectiva da autora nos deixa claro que a escola pode não estar ouvindo o apelo do aluno em ser ouvido e atendido em suas necessidades, necessidade essas impostas por uma cultura de massa e uma tecnologia que o impele pelo novo e que por vezes é tolhido na escola. Em relação ao letramento propriamente dito, a autora lembra que ele tende a se tornar multiletramentos: "são necessárias novas ferramentas – além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressora (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, tratamento de imagem, edição e diagramação" (p. 21). Com efeito, o texto está perdendo seu caráter único, fechado, engessado; o texto agora pode ser questionado, dialogado, relacionado, já que seu caráter multi agora é hiper: hipertextos, hipermídias e afins. Consequentemente, a aprendizagem também muda: já não somos mais prisioneiros de um prisma único do autor que escreveu, podemos agora nos libertar interagindo com outros textos, imagens e sons. Os textos trabalhados agora na perspectiva do multiletramento são interativos, colaborativos, transgressivos, híbridos e fronteiriços... pedagogia do multiletramento exige e incentiva um aluno crítico, autônomo: em vez de se discriminar o uso da internet e dos celulares e suas câmeras na escola, esses instrumentos são recursos para a interação e comunicação. O aluno não é mais objeto nos estudos, já dizia Paulo Freire, não devendo, por isso, ser um depósito onde inserimos nossos conhecimentos; para o multiletramento, o aluno passa a ser sujeito de sua aprendizagem, transformando-se em criadores de sentido.

3 ONDE OCORRE A LEITURA: A PESQUISA NA ESCOLA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Meu nome é Denize Ribeiro Guimarães Rodrigues, sou casada e tenho 03 filhos do sexo masculino. Comecei minha vida acadêmica em 1988 como professora da 3ª série do ensino fundamental e atualmente leciono no Col. Est. João Galvão Sobrinho, no município de Itamari-Ba, no Ensino Médio as disciplinas de Ed. Física e Filosofia.

Tenho formação universitária no curso de letras e sou Pós-graduada em Leitura, Produção e interpretação de Texto e gosto muito de desenvolver as minhas práticas pedagógicas com adolescentes, onde procuro integrar o currículo formal com o webcurrículo desenvolvendo atividades que insiram sempre as tecnologias de Informação e Comunicação.

Eu a defino minha vida pessoal e profissional desde 1988 até o momento com a seguinte frase :” UMA VIDA DE VITÓRIA!”.

O que porém me inquieta desde o início de minha vida acadêmica é fato de que aquilo que promove a interação do ser humano com a sociedade e que lhe abre as perspectivas de uma vida socialmente equilibrada, é o maior entrave no seu percurso escolar. A leitura assim, acompanhada da escrita são os fatores de promoção social humana e entretanto é aquilo que se consegue, (quando se consegue) como coisa última na caminhada escolar.

A escola não tem formado leitores e isso se percebe claramente quando vê-se a resistência do aluno a proceder a leitura de livros paradidáticos e literários quando solicitados, ou mesmo leitura de jornais ou algum outro tipo de leitura.

Entender como isso começa. Onde e o porquê dessa resistência, mas principalmente como debelar aproveitando os recursos que o aluno tem e traz consigo tem sido minha proposta principalmente nas disciplinas que leciono atualmente e especificamente a Filosofia que demanda da leitura de clássicos.

3.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS: SOBRE A NATUREZA DA PESQUISA

A metodologia de pesquisa do presente estudo, baseia-se em uma abordagem qualitativa de cunho descritivo, de natureza documental bibliográfica e narrativa. Foram utilizados como instrumentos: questionários, análise de documentos (ficha bibliotecária) e narrativa de ex-professor de língua portuguesa da turma em estudo. No que se refere à triangulação de dados, as categorias de análise estabelecerão diálogo com a lente teórica da perspectiva sociointeracionista da formação do leitor engajado e da leitura dentro da perspectiva do letramento e do multiletramento proposto especialmente por Kleimane Roxo, evidenciando a necessidade de práticas para o estabelecimento da leitura engajada, autônoma e multiletrada.

A pesquisa que se propõe configura-se como participante e narrativa. De acordo com Telles (2002), a pesquisa narrativa rejeita o papel passivo do participante enquanto mero objeto de pesquisa a ser observado e estudado. O processo emancipador de ação pedagógica para a educação de professores que é proposto pela Pesquisa Narrativa é um processo educacional de parceria. Nele, os professores se associam a seus colegas de trabalho e educadores de professores em torno de dois objetivos comuns e interdependentes: conhecerem-se pessoal e profissionalmente e desenvolverem a prática pedagógica de sala de aula.

3.3 TIPO DE PESQUISA .

O método empregado neste projeto é pautado na pesquisa participante de cunho explicativo, objetivando a identificação de fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, aprofundando o conhecimento da realidade, explicando a razão e o porquê das coisas.

A pesquisa participante é aqui entendida como uma alternativa epistemológica um processo para alcançar outra situação. A pesquisa participante insere-se na pesquisa prática, classificação apresentada por Demo (2000, p.21), para fins de sistematização. Segundo esse autor, a pesquisa prática “é ligada à práxis, ou seja, à prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico”. Há na pesquisa

participante um componente político que possibilita discutir a importância do processo de investigação tendo por perspectiva a intervenção na realidade social.

A experiência aqui se trata da pesquisa participante. O desafio de permitir que o investigador/professor emergisse um dos pressupostos da pesquisa participante foi, ora facilitado, ora dificultado pelo elemento educação. Trata-se aqui da educação no seu sentido mais amplo como a leitura de mundo do próprio aluno. Nesse tipo de pesquisa é possível que se estabeleça certa cumplicidade acerca da dimensão da educação entre pesquisador/pesquisado surgindo daí o entendimento do homem (seja ele pesquisador ou pesquisado) enquanto “ser capaz de transcender os condicionamentos materiais e culturais de sua existência, enquanto ser apto a interferir criadoramente na determinação de seus modos de vida,” (...) (BEISIEGEL, 1992, p.29).

O propósito desta pesquisa é trabalhar na perspectiva da práxis assim como, da inserção da ciência popular na produção do conhecimento científico. Isso coloca o pesquisador frente a contradições às quais os próprios fundamentos da pesquisa participante estão sujeitos. O desafio aqui, trata-se da educação no seu sentido mais amplo abarcando desde o (re)aprendizado da linguagem popular até o estágio de reflexões acerca da condição humana. Trabalhar na perspectiva libertadora, conforme afirmou Freire (1984, p. 35), onde a “pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta”, constitui-se num desafio para nós. Quando se parte de demandas do setor público, como no caso que ilustra este trabalho, há que se conciliar formação dos grupos na perspectiva da participação enquanto sujeitos do conhecimento e prazos limitados, urgência em resultados.

Da complexidade de aspectos que envolvem a pesquisa participante, a participação da equipe constitui-se num dos elementos componentes de seu alicerce. Essa aproximação se dá a partir do momento em que se vislumbra uma convergência de atitudes favoráveis à perseguição de objetivos comuns. Nessa caminhada o pesquisador coloca-se como sujeito, juntamente com o grupo interessado, e a serviço não do grupo mas da prática política daquele grupo, conforme já salientava (BRANDÃO, 1985). Para que isso se estabelecesse foi

primordial a participação dos demais professores que vem acompanhando a turma ao longo de 3 anos.

3.4 O CENÁRIO PESQUISA

Itamari é um município da região sul da Bahia com pouco mais de 7.000 habitantes segundo Censo de 2010. Sua atividade é predominantemente rural e o Colégio Estadual João Galvão Sobrinho atende a demanda de alunos da zona urbana e rural funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno. O Colégio faz a avaliação do ensino pelo sistema AVALIE e de acordo os resultados dos últimos 3 anos (tempo de acompanhamento da turma), os resultados são os seguintes em Língua Portuguesa:

2013 – 1º ano -

2014- 2º. ano

2015- 3º. ano

3.5 O SUJEITO DA PESQUISA.

Os sujeitos escolhidos para o foco da pesquisa foram alunos do 3º ano (do Ensino Médio do turno matutino, totalizando 26 educandos). Oriundos de todas as regiões urbanas e rurais do município de Itamari, com famílias de todas as classes sociais. Conforme descrito no PPP (2014), aparentemente, no cotidiano escolar, os educandos são esperançosos, alegres, esforçados, carinhosos e criativos, mesmo relatando, em alguns casos, fatos contraditórios como: violência e abandono intelectual no seu cotidiano familiar.

A partir dessa realidade, acreditamos que seja necessário realizar uma pesquisa de campo para comprovar na prática até que ponto isso afeta o ensino-aprendizagem. Somente através desse foco em relação ao aluno e conhecimento da sua história de vida é possível constituir um novo paradigma educacional.

O maior desafio da educação e do professor na contemporaneidade é, mais do que nunca, articular as experiências e conhecimentos prévios dos alunos propiciando o desenvolvimento da sua autonomia de forma a construir uma

inteligência coletiva que promova a democratização do conhecimento e exercício pleno da cidadania. Os alunos da turma são oriundos das zonas rural, urbana e municípios circunvizinhos, tem faixa etária entre 15 e 31 anos, o que demonstra a heterogeneidade dos saberes e das histórias de vida, da cultura que é trazida para o ambiente escolar e tudo aquilo que requer do professor um olhar especial.

Quanto aos professores, a equipe docente é formada por () profissionais de ambos os gêneros. Um grupo dinâmico com opinião formada sobre educar e educação, com consciência crítica das dificuldades e avanços que norteiam a comunidade escolar na qual estão inseridos. Quanto ao posicionamento dos professores, via de regra, coadunam com os valores e princípios da instituição – aqueles que fazem parte do nosso grupo de trabalho, os que estão mais próximos no cotidiano. No que se refere à formação inicial dos professores, a maioria possui curso superior e pós-graduação concluída ou em formação. (PPP, 2014) Foram escolhidos dois professores que acompanham a turma na área de linguagens desde o primeiro ano do Ensino Médio, por serem consideradas as pessoas corretas para avaliar o desenvolvimento da turma nesse espaço de tempo.

Os dois professores escolhidos para essa pesquisa trabalham com a referida turma desde o 1º. Ano Ensino Médio na área de Linguagens e por isso são consideradas as pessoas ideais para fornecer as informações requeridas para essa pesquisa.

3.6 PRÁTICA METODOLÓGICA

Nesta modalidade de pesquisa o pesquisador coleta histórias das experiências pessoais e profissionais e escreve narrativas – textos de pesquisa, nos quais produz significados e estabelece relações (não causais) entre as histórias, chegando a unidades narrativas; isto é, núcleos temáticos que concatenam determinados grupos de histórias e sintetizam os múltiplos significados. Em sua análise das histórias, o pesquisador busca captar os significados que os eventos narrados têm para o participante. (TELLES, 2002) Neste estudo, além de narrativas, foram utilizados questionários e buscou-se sem êxito trabalhar a ficha de controle do aluno na biblioteca, o que sem dúvida constituiu uma lacuna na pesquisa. Em relação aos

critérios para a escolha da turma, além de ter uma relação direta com o meu fazer docente, pois tenho formação nessa área de Letras, inquieta me muito mesmo ao trabalhar atualmente com outras disciplinas, a desmotivação do aluno na prática de leitura nas aulas de modo geral, mas especificamente com a literatura. Percebendo a resistência dos alunos em relação à prática de leitura, resolvi estudar o que ocasiona isso. Assim alguns problemas são destacados com a turma em entrevista e também com os professores desses 3 últimos anos. O trabalho realizado sensibilizou o aluno para a prática da leitura? Qual tipo de leitura atrai o aluno? O que contribui para que haja resistência à prática de leitura? Como proporcionar que a leitura exerça sua função social dentro e fora da escola? A escola é ativa na promoção do hábito de ler?

Alguns aspectos práticos e de seleção, foram admitidos, considerando que as mais recentes provas de Língua Portuguesa, a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), lançam mão de um enfoque inovador, trazendo múltiplas e diversificadas estratégias de leitura. Essa nova abordagem, pautada em uma perspectiva textual e contextual, requer que o leitor seja apto a compreender e interpretar diversos gêneros/tipos de texto a partir de diversas estratégias de leitura (KOCH; ELIAS, 2006). Dentre essas novas estratégias e habilidades de leitura requeridas pelo Enem, destacam-se:

A. Identificar o tema central/ideia central de um texto (em geral, expressa no primeiro parágrafo do texto), com o propósito de levar o leitor a perceber a temática em torno da qual o texto gira e o direcionamento/tratamento dado a esse tema, tendo em vista que um determinado tema é amplo/geral, mas passa por uma delimitação, o que dá a essa temática um direcionamento e uma linha de pensamento, evidenciando, assim, a relação geral X particular na construção temática do texto. Essa é a sua ideia central.

B. Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto. Essa habilidade tem por objetivo levar o leitor a perceber os argumentos/a argumentação (em geral, expressos no(s) parágrafo(s) intermediários) e a Pretensão Do Autor (em geral, expressa no último parágrafo). Com isso, há o propósito de avaliar se o leitor consegue perceber a estrutura argumentativa do texto e as relações de hierarquia entre as partes desse texto. Dito de outra forma: os argumentos do autor (parágrafos

do meio do texto) comprovam, justificam e sustentam a ideia central expressa no primeiro parágrafo. Já a pretensão (último parágrafo) evidencia a reflexão crítica do autor acerca do tema, podendo até mesmo apresentar solução para o problema discutido. Ainda no tocante à estrutura textual, podem ser cobrados do participante do exame conhecimentos relativos à tipologia do texto, isto é, se o texto é uma descrição, dissertação, narração ou injunção (ou também textos injuntivos, textos de procedimentos ou procedimentais). Este último não é muito abordado nas escolas e, por esse motivo, muito abordado nesses exames. São as chamadas cascas de bananas. Os textos injuntivos são os que dizem/especificam como fazer algo, dando o passo a passo para realizar essa ação ou ato, tais como: receitas, manuais de instrução etc.

C. Destaca-se, em especial, a habilidade de identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros. Nessa habilidade, é avaliada a capacidade do leitor de perceber o propósito comunicativo do gênero, tendo como base elementos verbais (textos, falas e diálogos] e não verbais (imagens). Assim, leva-se em conta a articulação de todos esses fatores/ elementos a fim de perceber a intenção comunicativa do autor (Koch; Elias, 2006). Como, por exemplo, em uma determinada propaganda, o leitor deve observar a forma/maneira como as informações são organizadas e expostas na superfície do texto, lançando mão da persuasão, para conseguir a adesão (convencimento) do leitor acerca do que é dito/expresso. Esse é apenas um exemplo, mas existem inúmeros gêneros textuais que circulam nessas provas com objetivos e propósitos diversos, conforme menciona a matriz de competências do INEP: “qual o objetivo do texto: informar, convencer, advertir, instruir, explicar, comentar, divertir, solicitar, recomendar etc.”.

D. Interpretar texto com o auxílio de material gráfico diverso (charges, tirinhas, propagandas, quadrinhos, fotos etc.). Nessa habilidade, é avaliada a compreensão global dos elementos presentes no gênero textual por parte do leitor. Para tanto, ele é levado a trabalhar com os elementos verbais [frases, palavras, falas e diálogos] e não verbais [imagens], como também com os elementos contextualizadores internos (intratextuais) e elementos contextualizadores externos (extratextuais). São exemplos destes últimos o título, a data de publicação, o local/meio/veículo de publicação e até mesmo o endereço ou nome do site onde foi publicado o gênero

textual. Todos esses elementos auxiliam na construção/produção por parte do leitor, conforme sinalizam Koch (2002) e Koch & Elias (2006).

E.A relação entre textos. Nessa habilidade, o leitor é levado a perceber as mais diversas formas de tratamento dado a uma determinada informação ou tema. Para isso, os exames, em geral, trazem dois textos ou gêneros textuais com a pretensão de compará-los e, por conseguinte, levar o leitor a perceber o tratamento/enfoque dado à informação/tema. Assim, o leitor deve perceber se a temática abordada por ambos é a mesma, se há relação entre os dois textos/gêneros textuais, se ambos concordam/discordam/concordam em parte. E até mesmo se há relação de intertextualidade ou de interdiscursividade entre ambos.

Todas essas habilidades de leitura são mencionadas pela matriz de competências do SAEB/INEP, o que evidencia não só o novo papel atribuído à leitura como construção e produção de sentidos (KOCH, 2002; KOCH; ELIAS, 2006), mas, sobretudo, demonstra a nova perspectiva de enfoque dado ao texto a partir de múltiplas e diversificadas estratégias de leitura.

3.6.1 Questionário aplicado aos professores da turma

Foeram entregues dois questionários aos 2 professores que acompanham a turma desde o 1º. Ano do Ensino Médio em Língua Portuguesa, e ambos responderam com presteza e parcimônia as questões direcionadas.

3.6.1. 1. Perfil dos entrevistados

Sexo	Feminino	Masculino	Total
	01	01	02
Idade	Feminino	Masculino	Total
	33	32	02
Formação Final	Mestrado em Letras: Linguagens e Representações	Licenciatura em Letras	02
Disciplina Lecionada na turma	Língua Portuguesa e Literatura SÉRIE: 3º ano	Língua portuguesa SÉRIE: 1º, 2º e 3º Ano	02

No perfil do entrevistado observou-se que os professores, ambos tem a mesma faixa etária, com menos de 10 anos de formação na área e com constante processo de atualização na respectiva função.

3.6.1.2 Entrevistas professor 1 e 2

Questões

1- Qual o perfil do aluno que você encontrou em relação à leitura na respectiva série?

R 1- Os alunos revelaram certa deficiência no que corresponde a leitura de clássicos da literatura, mesmo estando no 3º ano foi possível notar este déficit de leitura. Há uma falta de interesse dos alunos pela literatura, e muitas vezes temos que criar várias estratégias para que eles possam participar e despertar esse interesse pela leitura.

R2- Os perfis dos alunos são diversos, mas a maioria ainda não tem o hábito da leitura quando lêem é por obrigação, ou seja, não enxergam a leitura como algo prazeroso.

Retomamos nesse ponto o aspecto trazido por (BATISTA et al., 2010), quando afirmam que o desenvolvimento das capacidades lingüísticas de ler e escrever, falar e ouvir com compreensão, em situações diferentes dos familiares, não acontecem de forma espontânea. Necessitam ser orientadas sistematicamente nos anos iniciais da Educação. Para tanto, é necessário que os professores estejam realmente cientes, comprometidos e que compreendam os processos envolvidos na aquisição de sistema de escrita alfabético e das capacidades necessárias ao aluno para o domínio dos campos da leitura, da compreensão e produção de textos escritos e de textos orais, em situações diferenciadas daquelas do cotidiano do aluno. Ou seja o perfil do aluno mostra a realidade proveniente de seu ambiente cultural e familiar,

um ambiente não propenso à leitura e aqui cabe a escola, sensibilizar não somente a ele , mas trazer a família para o hábito da leitura

2-Quais as estratégias utilizadas durante o ano letivo no sentido de incentivar a leitura e a formação do leitor? As TICs foram incorporadas à sua prática?

R1- Durante as aulas foram utilizados diversos vídeos sobre literatura e os autores trabalhados no 3º ano, especificamente vídeos sobre autores pré-modernistas, modernistas e contemporâneos. Os alunos também fizeram uso da sala de informática onde acessaram blogs e sites relacionados aos conteúdos trabalhados nas aulas.

R2-A principal estratégia é sempre o diálogo, círculos de leitura e leitura compartilhada, readaptação do texto lido e, em algumas situações, a cobrança é feita por meio de atividades escritas ou orais relacionadas ao processo de leitura de um romance, por exemplo. Para isso, é fundamental além dos incentivos, sugerir vídeos, sites ou blogs, que tragam informações sobre o livro a fim de que se desperte a vontade de ler.

Conforme descrito no PPP da escola, O trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas.

As características mais importantes da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade; entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre provendo as condições e os meios (conhecimentos, métodos, organização do ensino) que assegurem o encontro do aluno com as matérias de estudo. Para isso, planeja, desenvolve suas aulas e avalia o processo de ensino.

O sinal mais indicativo da responsabilidade profissional do professor é seu permanente empenho na instrução e educação dos seus alunos, dirigindo o ensino e as atividades de estudo de modo que estes dominem os conhecimentos básicos e habilidade, desenvolvendo suas forças, capacidades físicas e intelectuais, tendo em vista equipá-los para enfrentar os desafios da vida prática no trabalho e nas lutas sociais pela democratização da sociedade.

Os professores precisam adquirir novas competências e habilidades para que os alunos possam aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Essas competências e habilidades estão vinculadas, primordialmente, às seguintes esferas: pedagógica (relacionada à utilização de recursos discursivos facilitadores da aprendizagem), gerencial (concernentes aos procedimentos estruturais para o desenvolvimento de atividades educacionais e técnicas).

O compromisso social, expresso primordialmente na competência profissional, é exercido no âmbito da vida social e política. Quando o professor se posiciona, consciente e explicitamente, do lado dos interesses da parcela desfavorecida da sociedade, ele insere sua atividade profissional, ou seja, sua competência técnica na luta ativa por esses interesses: a luta por melhores condições de vida e de trabalho e a ação conjunta pela transformação das condições gerais (econômicas, políticas, culturais) da sociedade.

As mais recentes diretrizes oficiais de formação docente aumentaram a exigência de práticas formativas. A escola e alunos mudaram e o professor deve seguir o mesmo caminho. O trabalho deve ser um aprendizado constante, por meio deles nos transformamos e desenvolvemos habilidades. A formação não termina com um diploma na mão, quem se imagina pronto limita seus passos e se condena ao envelhecimento. O Professorado é uma das mais belas e necessárias profissões, e só recuperaremos nosso país e nossas famílias se todas as crianças e jovens tiverem a oportunidade de aprender com professores envolvidos com educação de qualidade.

3- Considera que existia um problema na prática da leitura com a turma?Qual? Explique.

R1-Muitas vezes os problemas como déficit de leitura são oriundos da base educacional deste aluno, por exemplo, um aluno que foi pouco estimulado no ensino fundamental II com práticas de leituras, acaba levando para o ensino médio esta dificuldade. E é isso que notei na turma que tais dificuldades em relação ao gosto de leituras já vêm da base que aquele aluno recebeu. Mas enfim, mesmo com estas dificuldades tento incentivar esses alunos, com o uso das novas tecnologias, peças teatrais que são feitas a partir da leitura de romances, jornais, café literários, entre outras atividades.

R2- O problema se concentrava, infelizmente, na falta da cobrança da leitura uma vez que essa pratica deve ser além de cobrada a partir de incentivos.

Ninguém melhor que o professor para perceber quais os reais interesses dos alunos. Assim, selecionar textos de acordo com seus gostos e apresentá-los, lê-los, interpretá-los, mostrar que um texto (ou um livro) é, de certa forma, um amigo com o qual podemos conversar e trocar ideias. Tornar a leitura útil e fazer com que o aluno perceba isso. Na pratica cotidiana o que mais se observa é que a maioria dos alunos não vê utilidade naquilo que lê. Isso não é culpa deles. É culpa da sociedade, desse mundo tecnicista e de puro senso prático e imediato . Comum os alunos dizerem que odeiam a literatura por conta da suposta falta de utilidade prática e cotidiana e ainda imediata da mesma. Quando se começa a ler ficção, é difícil perceber como ela é útil em nossas vidas. Por isso, quem sabe alguns livros de não-ficção possam ser uma boa escolha nesse sentido de criar um senso de necessidade e utilidade. É preciso aqui que o professor cobre a leitura, mas sobretudo que sensibilize para a finalidade e utilidade e o prazer sobretudo de se ler.

4-É comum o professor dizer que o aluno não gosta de ler, e que o povo brasileiro não gosta de ler. O que foi feito pela comunidade escolar durante o ano letivo para sanar o problema?

R1-Infelizmente pesquisas tem demonstrado que o índice de leitura no Brasil é baixo. E ainda apontam que os livros mais lidos são de autoajuda. O mercado do livro cresceu, mas isso não quer dizer que ganhamos leitores efetivos. Aqui mesmo na nossa escola em 2014 os alunos realizaram um projeto de pesquisa para a feira de ciências sobre o índice de leitura no município de Itamari, e descobrimos que

76% da população afirmou não gostar de ler. Então o fato é que nossos alunos não tem uma comunidade que também favoreça a leitura e incentive. Mas na nossa escola temos feitos diversos projetos de leituras a fim de mudarmos essa realidade.

R2- Geralmente não gostam e ler os clássicos da literatura por sua linguagem muitas vezes está distante do momento e do contexto em que vivem, daí os poucos que leem preferem os bestsellers do momento como os livros de Johanna Basford, Randal Rauser e Paula Pimenta. A escola promoveu algumas atividades, todavia deveria ter feito muito mais.

A resposta a essa questão reafirma o que foi descrito na questão anterior mas reforça que o professor também assume a postura ideológica que deveria ajudar a dissipar de que o aluno não gosta de ler e de que o brasileiro não gosta de ler. Isso foi trazido em Bagno (2002) quando aborda sobretudo que existe uma intencionalidade em propagar que o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social, assim o acesso a leitura e o gosto por essa fica estreitamente ligado a quem já tem uma certa posição social e cultural. O que acontece na verdade é uma associação entre o que é culto e sofisticado com riqueza, e aquilo que é tido como linguagem “chula” com pobreza e desnível social. Claramente a sustentação desse mito está ligado ao preconceito. Percebe-se aqui também que os professores admitem que o que é feito na escola não é e não foi o suficiente para resolver as pendências

5-As estratégias utilizadas resolveram a questão? Justifique.

R1-Em partes. Sinto que também precisamos do apoio da família, para incentivarmos os nossos alunos a percorrerem esse caminho tão vasto que é a formação do gosto pela leitura literária.

R2-No início do ano letivo, todos demonstram muito interesse pelo mundo da leitura, mas durante o ano muitos vão abandonando os livros.

Mais uma vez aqui os professores colocam a necessidade da relação de parceira entre família e escola para a obtenção de um bom resultado na educação para a formação de leitores. O hábito quando fomentado desde a mais tenra infância

vai se tornando hábito, assim tornando-se parte do dia a dia das crianças e do adolescente.

6- A família apóia as iniciativas da escola relativas a leitura? Considera a família como incentivadora à prática?

R1-No meu ponto de vista não. O fato é que a maioria pais dos nossos alunos muitas vezes nem concluiriam o ensino fundamental, dessa forma é difícil quem não gosta de ler incentivar. Um ou outro incentiva.

R2- A família é muito importante, pois geralmente quando há pais que acompanham a vida escolar dos filhos, todas as propostas feitas acabam tendo um bom resultado e a leitura é uma delas.

Nessa questão assim como na anterior reforça-se a importância da família enquanto participe do processo de formação de leitores. A leitura quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo vista, muitas vezes, como algo que não é de interesse do indivíduo, já que acontece apenas em lugares rígidos e de forma obrigatória. No entanto, se o estímulo à leitura acontecer no ambiente informal, principalmente no lar, é mais provável que o leitor tenha facilidade na compreensão de textos.

De acordo com Vieira (2004, p. 06):

O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar a escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importa na sociedade.(VIEIRA,2004,p.06)

Assim, para ser possível instigar o gosto pela leitura na criança, é importante que além do contato com a leitura, ela também tenha contato com pessoas que a estimulem, podendo ser professores, familiares e conviventes do seu contexto histórico. A leitura é importante para a representação que o indivíduo possa fazer da sociedade e dessa maneira, é fundamental o papel que a família e a escola executam no processo de formação do leitor. Parceria nesse caso é indispensável e precisa ser fomentada a todo o momento e fazer parte do projeto político pedagógico enquanto objetivo primordial.

De acordo com Bottinni e Farrago (2014) a leitura, quando iniciada no ambiente familiar pode fazer com que o leitor tenha mais facilidade em compreender textos, havendo uma compreensão de mundo melhor. Ainda segundo Raimundo (2007, p. 112), O leitor que teve contato com a leitura desde cedo dentro de sua casa é diferenciado ao saber reconhecer os signos com maior facilidade que um aluno que teve seu primeiro contato ao entrar na escola.” Há várias formas da leitura se fazer presente no âmbito familiar, por exemplo, na contação de histórias, no momento do sono, até no incentivo dos filhos a contarem histórias em casa. Caso a criança seja educada em um ambiente em que a leitura é privilegiada pelos pais, maior a chance de criar o gosto pela leitura, caso contrário, será preciso criar alternativas para estimular a leitura para a criança. De acordo com Vieira (2004, p. 05): Os pais podem iniciar contando histórias para os filhos dormirem, presentear as crianças com livros, incentivar os filhos a contarem histórias em casa, assim haverá sempre uma troca de conhecimentos e cria-se um estímulo para que as crianças, adolescentes e jovens tenham realmente prazer pela leitura, pois não adianta crianças crescerem ao redor de livros e odiarem a leitura.

Os estímulos dos pais e a convivência com materiais de leitura no ambiente familiar permitem que o indivíduo construa o gosto pela leitura, através da leitura de jornais, do livro de receitas que a mãe utiliza, entre outros. Ao estimular e oportunizar a interação entre o texto e o leitor em formação, a leitura passará a ser ferramenta para o conhecimento de mundo, tanto o da imaginação quanto o de inclusão social. Os primeiros contatos com a leitura e escrita marcam a criança a tal ponto que elas se entusiasmam a aprender e ler e escrever para poderem fazer suas próprias escolhas de leitura.

7- Em termos de formação docente considera que sua prática condiz com as necessidades da temática ou sente que falta algo mais?

R1-Acredito que sim, mesmo lidando com as dificuldades dos meus alunos, tenho feito o possível para despertar neles o gosto pela leitura. Até aula de campo fazemos. E aqui gostaria de citar algumas aulas de campo na cidade de Ilhéus, cenário de algumas narrativas do escritor baiano Jorge Amado.

R2- Sinto falta, pois durante a formação docente, os estudos se concentram nos clássicos da literatura e os autores ou obras contemporâneas muitas vezes são negligenciados.

Interessante nesse tópico o professor falar da formação docente deficitária. Sabemos que toda formação é apenas um ponta pé para os estudos, tudo e toda ação posterior deve partir da iniciativa própria e do interesse próprio. Tem sido assim desde sempre. Nada vem de forma simples. O professor deve buscar de forma independente e pessoal e trazer sua contribuição para o conjunto, para o grupo.

8- A escola como um todo é parceira nas práticas de incentivo à leitura?

R1-Sim. A escola tem feito o possível e sempre apóia as práticas de leituras.

R2- Deveria ser mais uma vez que a leitura é também um exercício e conquista da cidadania.

Os professores aqui parecem discordar entre si quanto ao incentivo dado pela escola. Que tipo de incentivo, seria esse? De que forma concreta isso se traduz? Existe um direcionamento total, um esforço total para trazer a leitura como prática necessária em todas as disciplinas e não apenas compartimentalizada nas aulas de Literatura e de Língua Portuguesa ou Redação?

Segundo Rocco (2013, p. 41): A escola, sem dúvida, trabalha com muitas das interfaces. Há o ler que prioritariamente se detém na busca de informação. Há o ler cuja natureza é puramente funcional. E há o ler do produto ficcional- que deveria ser fonte de grande prazer para os estudantes, mas que, ao contrário, acaba por se constituir em desagradável exercício de coerção, momento em que melhor se evidenciam o autoritarismo e a extemporaneidade que vêm marcando boa parte de nosso sistema escolar. E é nesse mesmo momento que se anulam as possibilidades de fruição da leitura.

9- Qual a grande lacuna na sua realidade para a formação de leitores?

R1-Sinto que na cidade onde eu atuo como professora não favorece a leitura.

R2- Acredito que a lacuna está na falta de leitores que influenciem positivamente esses novos leitores.

Uma questão aqui levantada é a culpabilização do local, da família, das condições. Parece que esse tipo de comportamento freqüente do professor é o grande responsável para que situações como essa se perpetuem e proliferem. A escola formal acaba por ignorar a passagem do tempo e as novas visões de mundo. É importante se atentar as dimensões que a leitura pode ajudar a construir ao se propor um trabalho na escola pensado para abranger essa área. É preciso construir possibilidades e não ficar buscando os culpados, sem atentar para as suas próprias responsabilidades. Projetos, Pesquisas direcionadas, ~são alternativas de ponta pé iniciais, utilização dos recursos de fácil acesso ao aluno e que certamente são hoje utilizados na cidade. Aproveitar o recurso que se tem, que está à mão do aluno certamente é o diferencial para que esse trabalho funcione.

10- Qual a análise que faz da turma em relação à prática da leitura literária?

R1- Acredito que já respondi essa pergunta na questão 01.

R2- Ainda muito distante do ideal.

Ambos os professores afirmam que no acompanhamento da turma pelos 3 anos sob sua responsabilidade, o trabalho realizado ainda não concretizou-se como aquele ideal para a formação de leitores. De acordo com ROCCO (2013) Geralmente o aluno não suporta ler na escola, isso não ocorre pelo fato dele não gostar de ler, mas simplesmente porque os textos não são de seu interesse, não despertando prazer no momento da leitura, além de ter que ler por exigência de uma avaliação, de ter que responder questões pouco interessantes, etc.

O autor prossegue dizendo que Rocco (2013, p. 42):

E é nessa hora que tal escola perde qualquer razão, caminha sem rumo, às cegas, construindo, em vez de aprendizagem efetiva, um campo de tensões e conseguindo a triste façanha, sobretudo no que concerne à leitura, de abolir e castrar momentaneamente, entre os alunos, aquela atividade dialógica fundamental que define a natureza humana. (ROCCO, 2013, p.42).

Se não existem as condições ideais elas precisam ser criadas. Simples parece? Não. Nada simples, mas necessário e vital. As vezes uma iniciativa muda tudo. Principalmente quando se supõe que tendo a formação inicial o professor esteja preparado.

11-Qual a análise que faz de sua prática para a viabilização da formação de leitores no ensino médio?

R1-Enquanto professora, tenho procurado especializações e cursos da minha área o que facilita que eu seja uma formadora do gosto pela leitura. Gosto muito de incentivar os meus alunos a ler, pois acredito que ler é “muito mais que viajar, é fazer parte de outros mundos”.

R2-Deveria ser feito muito mais, pois uma vez que um aluno descobre o mundo da leitura, ele nunca mais será o mesmo ser humano.

Professores conscientes da importância do trabalho específico para a formação de leitores, professores conscientes de suas práticas, professores conscientes de suas necessidades e falhas. E a pergunta que fica é o que falta para promover as mudanças necessárias?

3.6.2 Entrevista com os alunos

Os questionários foram entregues a 15 alunos do 3º. Ano ensino médio, sendo que desses, 14 apenas retornaram com os mesmos respondidos.

3.6.2.1 Perfil dos entrevistados

Sexo	Feminino	Masculino	Total
	09	05	
Idade	Feminino	Masculino	Total
	15-31	16-18	

Como dito anteriormente a turma é heterogênea com idades variadas entre 15 e 31 anos. Esse fator (idade) certamente já é um desafio por se tratar de pessoas em etapas de vida diferentes e com também perspectivas diferentes. Isso requer do professor uma habilidade especial para o manejo da turma. Aqui o professor precisa utilizar estratégias, a fim de possibilitar aos alunos o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Entre as estratégias sugeridas a ênfase deve estar na importância da comunicação entre os alunos, porque ela favorece a aprendizagem num ambiente em que a troca de experiências é o ponto alto para que ocorra uma

aprendizagem significativa partindo da vivência que cada um traz do seu cotidiano. Trabalhos em dupla, em grupo, monitorias específicas são certamente estratégias que podem aproximar pessoas em faixa etária diferenciada e promover uma integração entre si. O convite para responder ao questionário foi feito aos 33 alunos da turma. Desses apenas 20 se ofereceram para responder e pegaram o material, sendo que apenas 14 devolveram o material respondido. Houve também uma resistência nas respostas subjetivas como veremos adiante.

3.6.2.1 Questões objetivas

1-Hábito de ler	Sim 12	Não 01	Não respondeu 01		Total 14
2-Freqüência	Diária 04	Semanal 04	Mensal 05	Não respondeu 01	14
3-Obrigaçã ou prazer	Obrigaçã 02	Prazer 12			14
4-Leituras maisfreqüentes	Livros 07 +02	HQ -	Revistas -	Sites e redes sociais 07	14
5- Média de leitura anual	0-3 07	3-5 02	5-10 04	Mais de 10 01	14
6-O que leva a escolher rum livro	Capa -	Título 04	Conteúdo 10	Gênero Textual -	14
7-Significado da leitura	Passatempo -	Prazer 09	Obrigaçã -	Aprendizagem 05	14
8- O que o quem mais influencia na escolha do livro	Amigos 01	Professores 04	Propagandas 08	Família 01	14
9-Leitura é para a nota	Sim 09	Não 05			14
10-Se considera um leitor crítico e analítico	Sim 07	Não 07			14

11-Maior empecilho para a leitura	Preguiça	Falta de hábito	Desinteresse	Falta de estímulo	14
	07	04	01	02	

Na análise das questões objetivas percebemos que nas questões 1,2 e 5 que se referem a hábito e frequência e média anual de leitura, a maioria dos alunos (12) afirma ter o hábito de ler , sendo que a média da maioria (07) são de apenas 3 livros ao ano, seguido de (04) que afirmam ler de 5 a 10 livros por ano. A frequência a maioria (05) diz ser mensal sendo que (04) afirmam ser diária e (04) semanal.

Nas questões 3 , e 7 os alunos (12) a grande maioria afirmam ler por prazer e apenas (02) afirmam ler por obrigação. Desses, 09 afirmam que leitura serve como fonte de prazer e 05 afirmam que ela é fonte de aprendizagem.

Nas questões, 4 ,6 e 8. Quando inquiridos sobre o tipo de leitura mais frequentes, 07 alunos afirmam serem os livros e mais 2 complementam utilizar também as redes sociais juntamente com os livros. Outros 07 alunos dizem apenas fazer uso do sites e redes sociais, excluindo revistas e histórias em quadrinhos dessa lista. Em relação ao que leva a escolher o livro, 04 afirmaram que a capa era o fator mais importante enquanto 10 afirmam que o conteúdo é o que ajuda a definir na escolha. Nenhum deles sugeriu a capa e o gênero textual enquanto elemento para a escolha.

Nas questões 09 e 10, os alunos afirmam em sua maioria (10) que a leitura na escola é para a nota e apenas (04) diz que não, nesse total, (07) se consideram leitores críticos e analíticos e (07) admitem não o ser.

3.6.2.2 Questões Subjetivas

Nas questões subjetivas fiz questão de transcrever conforme o aluno escreveu

1- Você lembra quais os 3 últimos livros literários que leu nos últimos tempos? Se sim, quais são eles?

Entrevistado 1 -Sim. Cordeu e Viúva

Entrevistado 2- Iracema, Moreninha e Senhora

Entrevistado 3- Sim. Bíblia. Sargento de Milícias e Apocalipse.

Entrevistado 4- Memórias Póstumas de Brás Cubas, Fortaleza Digital, A culpa é das Estrelas.

Entrevistado 5- Não

Entrevistado 6- A Branca de Neve e o Caçador, A Senhora e a Culpa é das estrelas.

Entrevistado 7- A Moreninha, Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Entrevistado 8- Iracema, Brás Cubas, Não se apega não.

Entrevistado 9- Sim. Dom Casmurro. Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Entrevistado 10- Senhora, Branca de Neve e o Caçador e Sexualidade.

Entrevistado 11- Dom Casmurro, Anoitecer, Sussurro.

Entrevistado 12- Não respondeu

Entrevistado 13- A Moreninha, Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Entrevistado 14- Ninguém é de Ninguém de Zíbia Gasparetto, Quem acredita sempre alcança e Casamento Blindado.

Percebe-se aqui o quanto é limitada a opção dos livros, resumindo-se a poucos e conhecidos clássicos, variando a livros de teor religioso a livros de auto-ajuda. Não desmerece o fator leitura, e até incentiva-se o hábito com esse tipo de literatura sendo aproveitada de forma correta pela escola. Porém em se tratando de 3º. Ano e presumindo as exigências de ENEM e vestibulares prova-se aqui a lacuna no referencial dos alunos.

2- Qual seu tipo preferido de leitura na escola?

Entrevistado 1- Livro de poesia

Entrevistado 2- Literatura Brasileira

Entrevistado 3- Visual

Entrevistado 4- Na escola

Entrevistado 5- Nenhuma.

Entrevistado 6- De época

Entrevistado 7- Livro de adolescente

Entrevistado 8 - Não respondeu

Entrevistado 9 – Não respondeu

Entrevistado 10 - Não respondeu

Entrevistado 11- Revistas Mundo Jovem

Entrevistado 12- Leitura brasileira

Entrevistado 13 - Romances

Entrevistado 14- Poesia e romance.

Nessa questão, 3 alunos não responderam e um respondeu que nenhuma leitura era de sua preferência. % alunos relacionaram a literatura brasileira e romances mas o nível de resposta revela um certo desconhecimento até em relação aos gêneros textuais. Fato esse que foi ressaltado nas questões objetivas quando nenhum escolheu genero textual como fator de escolha do livro.

3- Freqüenta regularmente a biblioteca? Por que?

Entrevistado 1-Mais ou menos. Por que é um lugar para ler e tirar suas dúvidas.

Entrevistado 2- Não. Não encontro livros que me agradem.

Entrevistado 3- Não gosto de ler em casa.

Entrevistado 4-Geralmente não porque tenho muitos livros em casa a serem lidos.

Entrevistado 5- Não

Entrevistado 6- Não, anda muito ocupada.

Entrevistado 7- Não por que ultimamente anda fechada.

Entrevistado 8- Não

Entrevistado 9 – Não. só leio livro quando me interessa pela história contada por alguém.

Entrevistado 10- Não. Nem tenho muito tempo.

Entrevistado 11- Não.

Entrevistado 12- Não por falta de tempo.

Entrevistado 13- Não. Não contém livros interessantes.

Entrevistado 14- Não porque não tenho tempo.

Foi terrivelmente impactante perceber o distanciamento dos alunos com a biblioteca. O desinteresse e a falta de frequência aqui é relacionado principalmente a falta de livros interessantes e falta de tempo. Esse ponto precisa ser motivo de discussão rápida na escola para reajustar essa situação. A biblioteca deveria ser a alma da escola. Pensar a leitura como uma ação efetiva da biblioteca é necessário. Pensar como uma ação específica da Biblioteca Pública é uma ordem mais do que necessária para reativar o motivo da escola que é a interação e socialização através da leitura e escrita.

De acordo com Bernardino (2011) Quando dizemos que o papel social da biblioteca está no acesso e disponibilidade à informação, traçamos claramente um objetivo crucial dessas instituições, ele poderá ser alcançado através de projetos culturais que visem à disseminação da leitura. Um dos serviços da biblioteca pública perante a sua comunidade é a introdução de projetos culturais, atendendo ao seu objetivo de disseminar a cultura e a leitura aos seus usuários. A realização de projetos culturais de leitura em bibliotecas já faz parte do leque de atividades destas e coincidem quanto ao objetivo principal, que é incentivar a leitura e a cultura na comunidade. Isso se refere à Biblioteca pública mas também no âmbito da escolar que funciona nesse caso numa escola pública.

4- Qual o tipo preferido de leitura fora da escola?

Entrevistado 1- Ler mensagem de internet.

Entrevistado 2- Romance e ficção científica.

Entrevistado 3- A Bíblia

Entrevistado 4- Vários

Entrevistado 5- Suspense

Entrevistado 6- De época também

Entrevistado 7- Livro de adolescente

Entrevistado 8 – Livros adolescentes, romances

Entrevistado 9 – Romance e ficção científica

Entrevistado 10 – Livro de ação

Entrevistado 11- Romance

Entrevistado 12- Notícias

Entrevistado 13- Comédia e romance

Entrevistado 14- Leitura para reflexão.

O aluno aqui responde acerca de vários gêneros textuais o que demonstra que a escola precisa aproveitar a leitura que é advinda dessa prática social tal qual apregoa Magda Soares (1999) no decorrer do seu trabalho.

5- Qual a importância da leitura em sua vida?

Entrevistado 1- Ela nos traz aprender mais e fala mais educadamente.

Entrevistado 2- A leitura me faz enxergar novos horizontes.

Entrevistado 3- Todo. È lendo que aprendemos a viver.

Entrevistado 4- A leitura ajuda a desenvolver facilidade a diversos assuntos.

Entrevistado 5- Descobrir novos mundos.

Entrevistado 6- Ela pode melhorar o nosso aprendizado.

Entrevistado 7- Eu gosto porque a cada dia descobrimos novas coisas.

Entrevistado 8 - Aprendizagem

Entrevistado 9 – Adquirir conhecimentos, viajar em mundo dos contos.

Entrevistado 10- A leitura é tudo na vida de uma pessoa.

Entrevistado 11- Por que lendo aprendo muito mais.

Entrevistado 12- Aprendizagem

Entrevistado 13- Abrir os horizontes, se tornar uma pessoa ativa e conhecedora do saber.

Entrevistado 14- Aprender a conhecer algo que ainda não conhecia e aprender mais e saber se comportar.

6- Você prefere a leitura tradicional do livros ou das tecnologias de informação (TICs) ? Justifique.

Entrevistado 1- Tecnologias de informação.

Entrevistado 2- Leitura tradicional.

Entrevistado 3- As duas porque a tradicional envolve e as tecnologias nos dá mais informações.

Entrevistado 4- Depende do momento. Gosto de romances e gosto de ficção científica.

Entrevistado 5- O dos livros.

Entrevistado 6- As tecnologias de informação porque aumentam as nossas informações.

Entrevistado 7 – Tecnologia de informação por que é mais interessante que alguns livros.

Entrevistado 8 – Leitura de livros pro que chama mais atenção.

Entrevistado 9 – Leitura tradicional. Não me atraio muito por textos muito longos que não envolvam histórias.

Entrevistado 10 – Das tecnologias pois são mais atraentes para os adolescentes.

Entrevistado 11- Tradicional do livro por que é muito mais interessante.

Entrevistado 12-Das tecnologias porque desperta interesse maior.

Entrevistado 13- Leitura tradicional por ser mais ampla e de fácil entendimento.

Entrevistado 14- Do livro por que eu posso ler sempre que precisar já na internet pode se esquecer o endereço e nunca mais achar.

7- O uso das TICs em sala de aula atrapalha ou facilita a aprendizagem em sua opinião?Por quê?

Entrevistado 1-Facilitar.

Entrevistado 2- Facilita pois para alguns alunos a aprendizagem fica mais fácil.

Entrevistado 3- Facilita por que o aluno fica mais introsado com o estudo.

Entrevistado 4- Facilita por que é um estímulo aos alunos que não tem costume de ler

Entrevistado 5- Não sei

Entrevistado 6- Sim por que muitas pessoas não sabem.

Entrevistado 7- Sim por que tira a atenção dos alunos

Entrevistado 8- Facilita

Entrevistado 9- Sim

Entrevistado 10 – facilita porque os jovens estão acostumados a ler os sites de informação.

Entrevistado 11-Ajuda por que facilita muito mais.

Entrevistado 12- Não respondeu

Entrevistado 13- Facilita pelo fato da aula não se tornar tão entediante.

Entrevistado 14- Não respondeu.

No que diz respeito as questões 7 e 8 os alunos relacionam a importância das TICs de informação para o ensino e para a leitura . De acordo com Bernardino (2011) O conceito da Ciência ou Tecnologia da Informação está, assim, atrelado a sua demanda social e a sua existência condicionada ao seu uso e necessidade. Ao afirmar que a Ciência da Informação é um campo social, o autor delimita sua área de atuação e, mais à frente, ao afirmar que sua história não pode ser relatada apenas cronologicamente e sim, também pelas suas demandas sociais, que em sua fala, “a determinaram e legitimam”. Este discurso constrói ideologicamente que a ciência da informação tem sua existência determinada pelas demandas sociais. Afirmarções como essa e como a de Borko (1968), que definem a Ciência da Informação como uma “disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a otimização do acesso e do uso”, (grifo nosso), fortalecem o conceito de informação para o uso, associando o entendimento da ciência da informação às suas necessidades sociais.

O professor atualmente não pode nem deve estar distante dessa realidade. Precisa trazer as tecnologias pra formação de leitores. O ensino necessita dessa adequação a um aluno que precisa ser ouvido em sua necessidade informacional. Acerca disso há várias proposições controversas. Castells (1999) afirma que a educação assume um papel preponderante para o desenvolvimento tecnológico e a transformação da sociedade na contemporaneidade. Enquanto isso, Teruya (2006) posiciona-se de modo crítico quanto ao assunto e reconhece que somente a educação escolar não tem o poder de mudar a lógica da sociedade capitalista, que preza pela (re)produção de comportamentos alienados. Assim, a autora desloca a função de transformação da realidade social dos aparatos tecnológicos (que sozinhos não são capazes de mudar o contexto em que estão inseridos) e da educação escolar (enquanto sistema alienado) para o profissional que pode engendrar essas transformações sociais: o educador tecnológica e criticamente informado. Assim, essa autora apresenta os atributos do professor no contexto mediado pelas TICs:

Neste contexto, o professor deve se apropriar das diferentes linguagens existentes no mundo da mídia, não apenas decifrar os códigos, mas também estar munido de uma interpretação crítica dos

conteúdos que circulam nos diversos meios de comunicação.
(TERUYA 2006 p. 81-2)

A autora reconhece a existência de limitações materiais (falta de equipamentos) e limitações humanas: os professores enfrentam uma crise de autoestima causada pelas condições precárias em que trabalham, como a remuneração salarial baixa, cobranças sociais diversas, falta de tempo para complementar uma formação deficiente ou defasada, ausência de metodologias, entre outros problemas. Isso porém não impossibilita que o professor utilize aquilo que é disponibilizado para tentar fomentar a leitura na escola.

8-Considera que o Ensino Médio foi o período que mais o incentivou e motivou à leitura? Justifique

Entrevistado 1-Sim. Porque os professores botam muitas coisas para pesquisar e muitos livros para ler.

Entrevistado 2- Não. Desde o ensino fundamental já tenho o hábito.

Entrevistado 3- Sim por que se desenvolveu mais, o desejo aumentou e os professores pegam mais no pé.

Entrevistado 4- Também, porque no meu fundamental a escola sempre incentivou e eram trabalhos sobre.

Entrevistado 5- Sim

Entrevistado 6- Os dois

Entrevistado 7- Sim, pois li vários livros por indicação dos professores.

Entrevistado 8 - Sim porque caiu a ficha de que a leitura é uma forma de aprendizagem

Entrevistado 9 - Não respondeu.

Entrevistado 10-Sim porque no ensino médio a vontade de ler aumenta com o estímulo do professor.

Entrevistado 11- Incentivou mais um pouco por que antes já tinha intereçe.

Entrevistado 12 - Sim pois os professores incentivava.

Entrevistado 13- Sim, a partir do ensino médio eu percebi que sem leitura não vamos a lugar algum.

Entrevistado 14- Sim por que precisamos ler para entender o assunto para apresentar trabalhos etc.

Os alunos reconhecem aqui o papel da escola e do professor em sua trajetória e lembram que o ensino fundamental também foi de importância em sua trajetória de leitor.

9-Se fosse quantificar que nota daria ao seu desempenho como leitor durante sua trajetória escolar e principalmente no Ensino Médio.

Entrevistado 1- Eu daria nota 7 ou 6.

Entrevistado 2- Nota 8

Entrevistado 3- Um

Entrevistado 4- Razoável, pois precisa ler muito mais.

Entrevistado 5- 7

Entrevistado 6- 8,5

Entrevistado 7 -médio

Entrevistado 8 - 8

Entrevistado 9 - Não respondeu

Entrevistado 10- 8,5

Entrevistado 11- 9,5

Entrevistado 12 - 5

Entrevistado 13- 8

Entrevistado 14 Daria nota 7 porque precisa me empenhar mais.

De modo geral os alunos quantificam bem o ensino que tiveram na escola e apenas 1 não respondeu e outro deu nota 5.

10- *O que falta à escola como um todo para o trabalho com formação de leitores em sua opinião? A responsabilidade é só da escola? E sua família o incentiva enquanto leitor? E sua predisposição pessoal? Explique.*

Entrevistado 1-Não. Mais ou menos sim porque a responsabilidade não é só da escola e sim dos alunos.

Entrevistado 2-A escola precisa criar mais trabalhos com a leitura. Mas a responsabilidade não é só da escola, mas sim do aluno, minha família me incentiva, mas eu sempre gostei.

Entrevistado 3- A escola deve incentivar o aluno mais o aluno deve se interessar e a família por obrigação devem interagir o aluno ao estudo da leitura.

Entrevistado 4- Falta mais projetos criativos utilizando os livros. Não a família incentiva muito. Todos na minha casa gostam de ler e meu maior empecilho é que não consigo me concentrar em uma só coisa por vez.

Entrevistado 5- Não respondeu a questão.

Entrevistado 6- Tudo, mas a responsabilidade é também do aluno.

Entrevistado 7-Mais livros. Não. Sim. Gosto de ler não importa o que se de livros ou redes sociais.

Entrevistado 8 – Não respondeu

Entrevistado 9 - Não respondeu

Entrevistado 10- Não, a escola tem um papel importante mas a família também é culpada.

Entrevistado 11-Não. A escola e a família incentivam na leitura.

Entrevistado 12 - Falta iniciativa não só da escola mas sim do aluno.

Entrevistado 13- Deveriam ser feitos projetos incentivadores para criar leitores no Colégio. A responsabilidade é de todos. Minha família me dá total incentivo.

Entrevistado 14- É minha predisposição pessoal porque aprender a ler ou qual o livro depende muito da minha disposição.

Os professores e escola precisam entender que ao introduzir na comunidade usuária ações com o intuito de possibilitar a inserção desta às práticas leitoras, dizemos, também, que a biblioteca proporciona oportunidades de geração de conhecimento, uma vez que este se dá pelo processo da leitura. Assim, projetos de leitura desenvolvidos por biblioteca oportunizam a comunidade usuária o desenvolvimento social e cultural, uma vez que proporcionam o adentramento ao mundo letrado e não letrado da leitura, criando, assim, condições de geração de conhecimento, que permitem uma ampliação do entendimento da leitura e sua prática. O aluno aqui sente a falta da inserção dessas práticas. Não responsabiliza de todo a escola, mas sabe que tem a parcela de responsabilidade na situação. Sabe que poderia dar mais de si, sabe que a escola também poderia.

11- Você se considera preparado para seguir para o ensino superior baseado no que obteve em termos de leitura e aprendizagem através dela? Explique.

Entrevistado 1- Sim. Não sou muito de ler, mas quando tenho tempo vou até o final.

Entrevistado 2- Com certeza, pois tive uma grande aprendizagem com os livros que li.

Entrevistado 3- Sim porque venho aprendendo muito, meus conhecimentos está avançando e é um grande início.

Entrevistado 4- Sim, ainda falta mas vou conseguir.

Entrevistado 5- Sim.

Entrevistado 6 – Sim eu tenho capacidade.

Entrevistado 7 - Ainda não por que tenho que ler muitos livros ainda.

Entrevistado 8 - Sim

Entrevistado 9 - Não respondeu

Entrevistado 10- Sim, pois o ensino médio foi o período de bastante aprendizagem.

Entrevistado 11-Não. Por que tenho que aprender muito mais lendo nos livros.

Entrevistado 12 – Baseado na leitura não por que acho que deveria ter se esforçado mais no ramo da leitura.

Entrevistado 13- Sim. Me acho preparada pelo fato de leitura que tenho feito durante a vida.

Entrevistado 14- Sim por que procuro melhorar dando o meu melhor.

Em um novo contexto informacional destacado pelas tecnologias de informação e de comunicação, cada vez mais a busca pela informação e pelo conhecimento tem sido um processo contínuo, muitas vezes pelo entendimento de que sem eles o indivíduo ficaria excluído socialmente ou permaneceria no estado de ignorância perante ao contexto informatizado. É possível encontrar o conhecimento nas diversas fontes de informação existente, principalmente através da leitura e das experiências vivenciadas ao longo do tempo. De acordo com Souza (2008, p. 01), “O conhecimento pode ser encontrado através da leitura e esta, por sua vez, possibilita formar uma sociedade consciente de seus direitos e de seus deveres; possibilita que estes tenham uma visão melhor de mundo e de si mesmos.” A leitura está presente a todo o momento e em todos os lugares.

Segundo Bamberger (1995, p. 09), a leitura é importante para a vida individual, social e cultural, em que através desse ato, o indivíduo pode se desenvolver intelectualmente e espiritualmente, aprendendo e progredindo. A competência em leitura, pode fazer com que o indivíduo amplie seu conhecimento, desenvolvendo melhor seu desempenho de linguagem oral e elaboração da escrita, aguçando seu senso crítico, sua curiosidade e raciocínio, ajudando na construção de conhecimento de mundo. Há vários fatores que interferem negativamente no processo da leitura, principalmente o pouco ou nenhum contato com ela, sendo que esta pode se manifestar através de desenhos, músicas ou até mesmo pelas imagens visuais encontradas no cinema, vídeo, etc. A leitura não é apenas decifração de signos do alfabeto, deve fazer sentido ao leitor, provocando no indivíduo o entendimento de significados e ser colocada em prática no mundo em que este está inserido.

Segundo Vieira (2004, p. 02): A aprendizagem da leitura está intimamente relacionada ao processo de formação geral de um indivíduo e à sua capacitação para as práticas sociais, tais como: a atuação política, econômica e cultural, além do convívio em sociedade, seja na família, nas relações de trabalho dentre outros espaços ligados à vida do cidadão. A leitura tem o poder de nos acalmar e também dar condições para que possamos fazer outras leituras que estão a nossa volta, em que nosso pensamento se desenvolve e se articula com outros conhecimentos e informações.

A leitura de um livro, de uma revista, de um jornal ou de um folheto que seja, sempre será útil para o exercício do pensamento, pois as informações neles encontradas nos possibilitam ler o mundo e nele interferir com discernimento. A leitura passa a ganhar significados, dessa maneira, os conhecimentos adquiridos são organizados através das situações reais as quais nos deparamos e dessa forma são estabelecidas relações entre as experiências e a resolução de problemas que nos são apresentadas.

De acordo com Martins (1988, p. 17), “Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.” Ao ler, é necessário analisar, interpretar e conhecer para poder realizar a necessidade que se tem, além de selecionar textos com uma intenção que justifique a escolha feita e para uma maior probabilidade de êxito na leitura é necessário que haja interação dos elementos textuais com os conhecimentos do leitor. A leitura é o instrumento de construção para todas as aprendizagens e contribui na formação e transformação do indivíduo, consolidando-se como elemento constitutivo para o exercício pleno da cidadania. Existem crenças de que os textos possuem uma única interpretação, no entanto, não há razões para que essas crenças permaneçam, já que atuais paradigmas estabelecem a compreensão de relações entre leitor, texto e autor que podem fundar olhares distintos acerca da verdade dos textos. Leitura, diferentemente do que se pensava, não é um ato solitário, pois o leitor se interage com os leitores virtuais criados pelo autor e até mesmo com o próprio autor, havendo assim diálogo com o texto por parte do leitor.

3.6.3 Percorrendo a Biblioteca

Apesar de termos colocado esse item como primordial para apontar o real direcionamento da pesquisa naprática, detectamos a maior falha entre a teoria e a prática. Observamos que na Biblioteca da escola, não há uma organização com fichas individuais para os alunos, e tampouco anotações com entrada e saída de livros. Procurando os professores para maiores informações, soubemos apenas que os alunos procuram os livros conforme a orientação e indicação que recebem, mas não há dados concretos de comprovação. Ainda assim os professores listaram alguns livros indicados aos alunos ao longo desses 3 anos e que supostamente teriam sido lidos por eles.

LIVROS QUE OS ALUNOS LERAM INDICADOS POR UM dos PROFESSORES do 3º. ANO:

Triste fim de Policarpo Quaresma

O quinze

A poesia de Fernando Pessoa e Drummond

Vidas Secas - Graciliano

Iracema - Jose Alencar

O cortiço - Aloísio de Azevedo

A Hora da Estrela - Clarice Lispector

A simples ausência de uma biblioteca organizada na escola, já é um fator sintomático de um entrave na sensibilização para a leitura. Podemos comparar isso ao pai, a mãe que manda um filho ler, sem ele ao menos tocar em um livro. Ou seja, não há exemplo. Claro que esse fator não é o primordial para a sensibilização, e o incentivo, mas com certeza essa lacuna é sentida pelo aluno, pois a falta de um ambiente específico e propício para a leitura na escola sutilmente revela o descaso com a mesma. Para dinamizar a biblioteca é preciso um projeto que traga incentivo

ao investimento na mesma e busca de recursos junto a comunidade, Secretaria Estadual de Educação e mobilizar principalmente pais e alunos no sentido de vivificar esse espaço tão necessário na escola.

Sobretudo a organização do espaço com fichas individuais do aluno, equipamentos e livros, livros, muitos livros que são a alma da escola. Além da importância significativa que o professor tem no incentivo para a formação do leitor, já que este é o principal mediador entre aluno e leitura no ambiente escolar, é necessário levar em consideração também as condições de infra- estrutura e materiais que a escola fornece para o trabalho com a leitura. Caso a escola não possua materiais e ambiente que possam ajudar no trabalho com a leitura e dessa maneira, auxiliar na formação do leitor, será mais árduo para o professor e até mesmo para os alunos, o desenvolvimento do trabalho com a leitura. De acordo com Souza (2008, p.108 e 109), para a formação de leitores, é preciso levar em consideração boas condições de trabalho sendo, bibliotecas com acervos atualizados, materiais escolares nas escolas, infra- estrutura tecnológica com informações confiável e nítida, além da motivação dos profissionais responsáveis pela transmissão do conhecimento já que os conteúdos ganham vida ou não dependendo da maneira a serem transmitidos.

De acordo com Cesarino (2007, p. 11) as “bibliotecas são instituições muito antigas que sobrevivem há anos, adaptando-se às diversas mudanças políticas, sociais e tecnológicas. Essa sobrevivência, por si só, já é suficiente para provar que cabe à biblioteca uma função muito importante na sociedade”, que é a função de servir a comunidade, oferecendo-lhes informação, cultura e lazer. Ao longo da história as bibliotecas públicas (MUELLER, 1984), de uma forma ou de outra, elas tiveram como funções básicas a coleta, a conservação, a organização e a difusão de informações, e têm buscado, através da difusão do conhecimento, a produção de um bem social. A função social da biblioteca necessita de um maior empenho e de constantes avaliações. Uma escola onde a biblioteca não é ativa é uma escola sem alma.

3.7 O ENSINO DA LINGUA PORTUGUESA NO 3º ANO ENTRE PERCEPÇÕES E PROPOSIÇÕES PARA A PRÁTICA.

Ao se pensar em leitura, a escola precisa entender que esta não é simplesmente atividade auxiliar da escrita e que os professores precisam formar leitores para toda a vida, caso contrário, os problemas com a leitura continuarão interferindo de forma negativa no desempenho escolar dos alunos. Para suprir as carências na formação de leitores, será necessário que a escola deixe de lado a preocupação com o ensinar a ler para dar lugar ao estímulo à vontade de ler.

O que se percebeu aqui no trabalho proposto é que todo o potencial que 3 anos de ensino médio encerram por vezes é desperdiçado, por falta de planejamento e falta de estratégias direcionadas para a prática que é na verdade o produto final de todo o processo educativo afetará positivamente ou negativamente a forma como os indivíduos entenderão a si mesmos e ao mundo.

De acordo com Pullin e Moreira (2008, p. 241): Em razão disso, como professores, precisamos refletir continuamente sobre como agimos e configuramos os espaços para que os alunos aprendam, e leiam o mundo e as produções simbólicas culturais, visto parte de sua subjetividade ser constituída pelos efeitos de nossas ações. Dessa maneira, será possível que os alunos possam desenvolver uma consciência crítica, além de usufruir dignamente o exercício da cidadania, em que todos possam ter voz ativa e não apenas as vozes daqueles que possuem o poder, sendo o caso de muitos professores que ao proporcionarem leituras de textos, determinam finalidades e contornos minúsculos para as leituras indicadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascer é estar socialmente submetido à obrigação de aprender. E, sob a ótica de quem constitui a aprendizagem, não é aprender qualquer coisa, em qualquer lugar. Aprender o que foi socialmente construído pelo grupo ou comunidade ao qual o indivíduo pertence, que terá valoração diferenciada conforme a cultura do próprio grupo. Há conhecimento universal “trocado” e reestruturado conforme ocorrem movimentos entre os indivíduos. E, há conhecimento concernente a uns e não a outros, às vezes dentro do próprio grupo social, que tem sua transformação atrelada ao valor e a participação de cada indivíduo.

O saber socialmente construído e disponível para alguns indivíduos não é compartilhado em qualquer lugar. A delegação de poder que a escola recebe tem referência, também, no fato de que sua estrutura – histórica – seleciona quais membros do grupo têm condições de aprender. Quais indivíduos são outorgados a receber o conhecimento legitimado pelo grupo: o conhecimento cultural elaborado.

Nesse sentido, a aprendizagem se constitui como fator e fato de relevância fundamental para as relações sociais e, por si só, indaga a autoridade de certos conhecimentos e informações; indaga a responsabilidade de quem legitima e o próprio poder de legitimar o que se ajusta ou não aos diferentes grupos que compõem a sociedade. Grupos esses também heterogêneos. O diálogo com esses grupos e entre eles é processo imponderável e irrefutável para a contemporaneidade.

A escola poderia proporcionar o contato com as mais variadas leituras e depois abrir espaço para depoimentos, comentários e discussões acerca do que foi lido, dessa maneira, poderia instigar, no aluno, o gosto pela leitura dentro e fora da escola, já que os indivíduos precisam, nesse contexto informacional de conhecimento saber como escolher melhor a informação que desejam e segundo Souza (2008, p. 06): [...] cabe ao professor promover no espaço de aula um espaço interativo, participativo e tentar extrair dos discentes o conhecimento tácito que estes têm para enriquecimento da discussão, uma vez que diversificadas são as multirreferências que compõem cada um. É preciso respeitar as origens, as necessidades de cada indivíduo e o planejamento com indicação de livros pelos

educadores em questão, que faça sentido ao leitor permitindo assim, a tomada de decisão em novas escolhas.

De acordo com Bamberger (1995, p. 24), é preciso incentivar a leitura a ponto de fazer com que o aluno se sinta bem e realizado ao ler, sendo esta uma ferramenta que leva ao aprendizado e ao desenvolvimento da crítica, mas que precisa ser degustada com divertimento para que amplie o gosto pela leitura nos alunos, estimulando-os a leitura permanente de diferentes textos. Os professores, portanto, precisam motivar os alunos através de planejamento e seleção dos materiais a serem lidos e ao indicar leituras, devem ter em mente que

A prática da leitura é importante para a formação do indivíduo e também para sua representatividade social, devendo fazer parte da vida de todos para que seja possível a interpretação de mundo, a sua localização no mundo. Precisa ser realizada com prazer para despertar o interesse por ler cada vez mais. Percebe-se que a escola, depois da família, possui papel relevante como mediador entre o aluno e a leitura, devendo continuar, ampliar e sistematizar o processo iniciado no ambiente familiar na formação do gosto pela leitura. O professor também assume papel importante nesse processo através da sensibilização e do incentivo da leitura intra e extra classe. Assim a família e a escola enquanto parceiras entendem que a leitura é um processo contínuo que precisa iniciar na educação informal (no lar) e só assim ela se prolongará por todo o percurso do indivíduo como parte indissociável de duas ações.

Esse trabalho respondeu a algumas situações, mas serviu principalmente para detectar as falhas e sabedores dela, podermos evidenciar esforços na tentativa de dirimi-las. Que esse trabalho sirva como espelho para outras escolas que ao buscar os culpados pela formação inadequada dos leitores na escola, não observam que sua prática e a forma de pôr em prática os pressupostos para a prática sejam talvez os grandes responsáveis pela ineficiência da ação. A grande importância serviu aqui por fazermos um auto-retrato onde a nossa prática foi avaliada e as responsabilidades vistas individualmente sirvam como suporte para a proposição de novas práticas emancipadoras, autonomizadoras e democráticas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico – o que é, como se faz.** 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** Série Educação em Ação. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

BAKTHIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal.** Martins Fontes: SP, 2003.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues **O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação.** Brasília. 2011.

BOTINI Gleise Aparecida Lenhaverde ; FARAGO Alessandra Corrêa. **Formação do leitor: papel da família e da escola.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP., 2014.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede.** 6. ed. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CESARINO, M. A. da N. (Org.). **Bibliotecas públicas municipais: orientações básicas.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** Em três artigos que se completam. 38ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.**

6a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 6a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

GERALDI, João Vanderley, et alii, (org). **O Texto em sala de aula,** São Paulo: Ática. 2003.

- KATO, Mary. O aprendizado da leitura. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KOCK, Ingedore G. Villaça. **Argumento e linguagem**. São Paulo, Cortez, 2002.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- _____. **Texto e Leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. São Paulo: Pontes, 2002.
- _____. **O impacto da leitura para o aprendiz adulto**. Revista Pátio. 2005, fevereiro/abril, Ano IX, nº.33, p. 14, 15, 16, 17
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Contexto, 1997
- _____, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.
- _____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.
- MARTINS, M. H. O que é leitura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MORIN, Edgar - **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3 a. Edição. Brasília: Cortez, 2001.
- Parâmetros curriculares Nacionais. **Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília. MEC/SEF. 1997.
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Ensino Médio**. / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnologia. – MEC; SEMTEC, 2002. (B)
- _____. **PCN + ENSINO MÉDIO: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. / Secretaria de Educação Média e Tecnologia. – Brasília: MEC; SEMTEC, 2002. (A)
- PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa e MOREIRA, Lucinéia de Souza Gomes. **Prescrição de leitura na escola e formação de leitores**. Revista Ciências & Cognição, 2008; Vol. 13, n. 3, p.231-242. ISSN 1806-5821 – Publicado online em 10 de dezembro de 2008
- RAIMUNDO, A. P. P. **A mediação na formação do leitor**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3., 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2007. Disponível em: http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010.p . Acesso em: 28 dezembro. 2015.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto.** Disponível em: http://www.demandanet.com/portal/publicacoes/2011/editais/a_import%C3%A2ncia_da_leitura_na_sociedade_contemporanea.pdf Acesso em 03 de janeiro de 2016

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, L. B. M. **A Importância da Leitura para a Formação de uma Sociedade Consciente.** Revista UNIRB [online], Salvador, v.1, n.2, p. 101-110, 2008-2009. Disponível em:. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

TERUYA, K. T. **Trabalho e educação na era midiática.** Maringá: Editora da UEM, 2006